

**o
romance
modernista
de
plínio salgado**

augusta garcia dorea

O Romance Modernista de Plínio Salgado

Plínio Salgado pertence tanto à História do Brasil quanto à História da Literatura Brasileira. Àquela como fundador de um movimento, o Integralismo, que conseguiu muitos adeptos e teve uma filosofia toda própria, insistentemente pregada por ele. À Literatura pertence pela qualidade de suas obras que despertaram o maior interesse em nosso meio, desde o lançamento. Muitos dos moços de hoje não conhecem nenhuma das faces de Plínio Salgado, ou o conhecem apenas como um nome ligado seja ao Integralismo, seja à literatura. Vem a propósito, pois, a reedição desta obra — **O Romance Modernista de Plínio Salgado** — lançada em 1956, de autoria de Augusta Garcia Dorea. A autora, cujo trabalho mereceu as mais lisonjeiras críticas de Maria de Lourdes Teixeira e Brito Broca, quando pela primeira vez publicado,



O ROMANCE
MODERNISTA DE
PLINIO SALGADO

MODERNISTA DE
PLINIO SALGADO

Dorea, Augusta Garcia.
D748r O romance modernista de Plínio Salgado/Augusta
2. ed. Garcia Dorea. — 2. ed. — São Paulo: IBRASA; (Bra-
sília): INL, 1978.

Bibliografia.

1. Salgado, Plínio, 1895-1975 — Crítica e interpre-
tação I. Instituto Nacional do Livro. II. Título.

CCF/CBL/SP-78-1090

CDD:869.9309

CDU:869.0(81)-3.09

Índice para catálogo sistemático (CDD):

1. Romances: Literatura brasileira: História e
crítica 869.9309

AUGUSTA GARCIA DOREA

O ROMANCE MODERNISTA DE PLÍNIO SALGADO

Segunda edição

IBRASA

INSTITUIÇÃO BRASILEIRA DE DIFUSÃO CULTURAL S. A.

em convênio com o

INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA

Direitos desta edição reservados à

IBRASA
INSTITUIÇÃO BRASILEIRA DE DIFUSÃO CULTURAL S. A.

R. Vinte e Um de Abril, 97 — Tel. 93-9524 — S. Paulo

1ª Edição:

LIVRARIA CLÁSSICA BRASILEIRA S/A
Rio de Janeiro, 1956

Copyright © by
AUGUSTA GARCIA DOREA

Capa de
CARLOS CESAR

Publicado em 1978

IMPRESSO NO BRASIL — PRINTED IN BRAZIL

DEDICATÓRIA

Aos meus queridos pais

e ao

*professor Antônio Soares Amora,
a quem devo o incentivo para este trabalho*



Digitalizado pela
Frente Integralista Brasileira
<http://www.integralismo.org.br/>
Deus - Pátria - Família

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE

Biografia • 13

SEGUNDA PARTE

Análise de *O Estrangeiro* • 29
Análise de *O Esperado* • 43
Análise de *O Cavaleiro de Itararé* • 59

Conclusão • 73

“Em torno de *O Romance Brasileiro*,
de Olívio Montenegro • 103

Notas • 109

Bibliografia de Plínio Salgado • 117
Bibliografia sobre Plínio Salgado • 121
Bibliografia de autores consultados • 123

BIOGRAFIA

BIOGRAFIA

Aos vinte e dois de janeiro de 1895, nasceu Plínio Salgado no município de São Bento do Sapucaí, uma pequena cidade paulista, de onde se descortina a majestosa Pedra do Baú, um impressionante rochedo, totalmente inteiriço, orgulho da Mantiqueira e dos filhos da terra que tem o nome do grande monge medieval.

De seus pais, o coronel Francisco das Chagas Esteves Salgado e D. Ana Francisca Renó Cortez, recebeu as primeiras lições de civismo, de religião e de interesse pelos valores morais. Ainda menino, prestava invulgar atenção nas aulas de História Pátria, ministradas pelo pai nos serões familiares. Ouvia maravilhado a descrição das batalhas da guerra do Paraguai e do Prata, dos feitos heróicos de Tamandaré e de Barroso, de Caxias,

de Osório, de Argolo; da atividade dos grandes estadistas do Império: Paranhos, Cotegipe, Zacarias, Nabuco e outros. Nunca ouvira referência à origem estadual dos grandes vultos brasileiros, sendo educado num sentido nacionalista e não estadualista, formando-se desde então, em sua mente, a idéia da unidade do Brasil, bandeira que Plínio Salgado defende até hoje. Os caminhos que lhe apontavam para seguir no futuro eram os da retidão moral, do valor do espírito, da responsabilidade pessoal, do cumprimento dos deveres, do amor à Pátria e da obrigação de cada brasileiro contribuir para a sua grandeza, e principalmente o da crença em Deus e na Alma e o da liberdade que desses princípios dimanava.

A infância de Plínio Salgado tem muita semelhança com a infância de Maranduba, um dos principais personagens de *O Cavaleiro de Itararé*: — “Então, vieram histórias heróicas das guerras, estrondos nos campos de Curupaiti. Vieram figuras de bravos: Osório de peito engomado, Caxias com suas medalhas, Tamandaré de barbas brancas. Poesias de Gonçalves Dias e de Casimiro de Abreu. E o Sr. D. Pedro II.

A mãe de Maranduba dizia-lhe:

— Abençoados os que morrem nos campos de batalha, desfraldando a bandeira “Deus — Pátria — Família — Liberdade”.

Maranduba escutava pensativo, já nos 8 anos:

— Se não houver guerra?

— Os homens se ilustram na paz pelas ciências, pelas artes, pelo caráter.

*

* *

Foi nesse ambiente que Maranduba cresceu, com a idéia fixa de ser um bom brasileiro (pág. 85).

Plínio Salgado iniciou os estudos secundários em sua terra natal, no Externato S. José. Tendo começado o curso de humanidades no Ginásio Diocesano de Pouso Alegre, Minas, foi obrigado a interrompê-lo, em 1911, devido ao falecimento de seu pai.

Em S. Bento, torna-se mestre-escola e passa a dirigir a folha local. Inicia sua atividade política, fundando, em 1918, o Partido Municipalista, bandeira que até hoje mantém bem erguida na sua luta, convencido de que “o município é a chave dos problemas políticos do país” ⁽¹⁾. Percebia ele que os municípios precisavam de autonomia político-administrativa para se desenvolverem, devendo libertar-se da ditadura do governo estadual, das oligarquias que os dominavam através de falsas eleições de políticos que agiam apenas por interesses partidários e pessoais, sem se preocuparem com as necessidades e o progresso do município. Os municípios tinham de ser governados por prefeitos não manobrados pela política estadual, mas escolhidos conscientemente pela população, e realmente interessados no desenvolvimento da região, com um corpo de idéias e um programa de ação em consonância com a realidade

local. Não era possível que um organismo tão grande, como o Brasil, continuasse com células atrofiadas. E só com a política municipalista é que essas células cresceriam.

O Partido Municipalista estendeu-se por todo o norte de S. Paulo, a 16 municípios, elegendo um deputado, o Dr. Gama Rodrigues, professor e jornalista de renome, grande amigo de Plínio Salgado até o momento de sua morte, em maio de 1955.

Por ocasião dessa estréia política, possuía um jornalzinho, "Correio de S. Bento", em que publicou seus primeiros escritos.

Vindo mais tarde para S. Paulo, colaborou no "Correio Paulistano" e fez política no Partido Republicano Paulista, tentando formar uma corrente renovadora. Depois de ter participado da Semana de Arte Moderna, em 1922, e publicado, em 1926, o seu primeiro romance, *O Estrangeiro*, em 1928 foi eleito deputado estadual, prosseguindo na campanha municipalista.

Eis o que nessa época disse Augusto Frederico Schmidt do nosso biografado: — "Plínio Salgado é, com sua sensibilidade moderna, e sua perfeita compreensão dos problemas internacionais, antes de tudo, um tipo bem marcado do homem do campo brasileiro, que conhece profundamente de perto os sofrimentos, as misérias, e, também, as possibilidades e os remédios para solução das dificuldades e fatalidades que assolam as nossas populações rurais, tão esquecidas até então, tão

entregues a si próprias, completamente desprovidas de recursos, vitimadas por uma política estreitamente urbana que não compreendeu o fator decisivo que elas representam no equilíbrio da nossa nacionalidade... É um homem que pensa. Fez-se só como pensador. Sua vitória é uma vitória do homem da inteligência brasileira, que, como o homem do nosso mato, foi relegado para o mais injusto e revoltante esquecimento" (2).

Entretanto, em 1930 Plínio Salgado abandonou o seu posto político, porque não podia realizar a verdadeira política entre homens que só se interessavam por questões partidárias e pessoais, enquanto ele só pensava no Brasil. Havia verificado, é verdade, em alguns homens do Partido Republicano Paulista, nobreza e lealdade. Mas isto não era suficiente, pois o país precisava de uma reconstrução completa, com base na realidade brasileira já vislumbrada por alguns espíritos lúcidos, entre os quais Alberto Torres e Oliveira Vianna. Nossa Pátria não podia continuar sendo o cenário das lutas partidárias e estaduais em torno do poder central.

No mesmo ano de 1930 Plínio Salgado parte para a Europa, como preceptor de um jovem rico, tendo já em mente a idéia de uma revolução total nos quadros da política brasileira. Dois outros aspectos da vida nacional, além do municipalista, o preocupavam muito: o espírito regionalista, que nos levava pouco a pouco para o separatismo, e a questão social, que, se não encontrasse uma solução, nos arrastaria para o bolchevis-

mo. Na Europa não ficou inativo. Procura todos os brasileiros, lá residentes, tentando despertá-los para um movimento que, por enquanto, é idéia-força, mas depois se transformaria em idéia-fato, em realidade, na Ação Integralista Brasileira. Escreve de lá para o "Correio Paulistano" e para "O País": — "Temos de iniciar o grande movimento nacional. Cada um no seu posto. Cada um na sua batalha. Todos orientados pela mesma crença. Todos visando o Grande Brasil. A nossa geração precisa erguer-se num movimento inédito na história do país. É preciso compreender essa necessidade. Esse dever. Essa responsabilidade." (3).

(Nessa ocasião, em Paris, concluiu o segundo romance, *O Esperado*, que publicou aqui logo após a sua chegada, em 1930 mesmo.)

A idéia da necessidade desse grande movimento nacional, que já existia em Plínio Salgado desde a fundação do Partido Municipalista, tomou forma consciente na revolução literária em 1922, em que ele atuou. Tanto é que o romance *O Estrangeiro*, publicado em 1926, no qual estão fixados o espírito e a forma do movimento modernista, foi, segundo o próprio autor, "o primeiro manifesto integralista". Desde então, todos os seus pensamentos e todas as suas ações foram orientados sempre num mesmo sentido, isto é, despertar o povo brasileiro para uma revolução espiritual.

Plínio Salgado regressa ao Brasil durante os tumultuosos dias da revolução de outubro de 1930. Triun-

lante a revolução, formou-se a Legião Revolucionária, à qual Plínio Salgado entregou o manifesto que havia elaborado ainda na Europa (4). Um dos capítulos importantes dessa obra política é o intitulado "A Unidade da Pátria", onde lemos: — "Desde a Monarquia, temos vivido sob a preocupação de impor ao nosso país sistemas políticos estrangeiros. Experimentamos o parlamentarismo inglês, até 1889; daí para cá, voltamo-nos para as fórmulas americanas e, agora, é ainda entre os Estados Unidos, a Itália e a Rússia, que oscila certa mentalidade que pretende impor-nos imitações. Assim, não devemos transplantar, para o Brasil, *nem comunismo nem fascismo* (o grifo é nosso) nem outros sistemas exóticos. A nossa Constituição futura deve sair, inteira, das nossas necessidades. O Brasil, até hoje, — lembrava Alberto Torres, — tem servido a República; é preciso que a República passe a servir o Brasil." Em outro capítulo aparece a concepção integralista do homem, concepção, aliás, inspirada na doutrina social da Igreja. Diz o autor: "...o indivíduo deve ser considerado sob um triplice aspecto: como força moral, força econômica e força política. E não simplesmente como força política, no conceito da democracia liberal. Nem somente sob o duplice aspecto econômico-político, como o considera o radicalismo de uma concepção mecânica das relações sociais. Queremos o indivíduo integral".

Mas a Legião Revolucionária traiu Plínio Salgado, deixando de realizar o programa do Manifesto, que

provocou de Luiz Amaral, um dos diretores das "Folhas", violento ataque ao autor. Este se defende numa carta, através da qual mostra o espírito que sempre o guiou, espírito de despreendimento, de desinteresse e de renúncia, visando constantemente o bem da Pátria. Seu único desejo era, como é até hoje em nossos dias, servir o Brasil; portanto, se com o Manifesto ele podia ser útil, não merecia censura. Diz na carta: — "Quando a Pátria está nos seus grandes transes históricos — indignos e covardes são os que se esquivarem de servi-la, em nome de preconceitos partidários; quando uma Nação está inersa no caos de todas as doutrinas, corroída por todas as incertezas, solapada por todos os regionalismos, todos os personalismos e prejuízos, maldito seja o seu filho que coloque o respeito humano acima dos sagrados interesses da Pátria."

E mais adiante: — "Meu caro amigo, não pretendo nada. Não quero nada. Exijo que não me dêem nada. Porque o que eu quero é arrancar S. Paulo e o Brasil de uma hora atroz de dúvidas, de angústia e desesperos. Que o povo se levante num grande movimento de fé, que realize o seu destino, e estarei satisfeito."

Logo depois Plínio Salgado reuniu no Rio alguns intelectuais, entre os quais Hélio Vianna, Augusto Frederico Schmidt, Lourival Fontes, procurando formar um grupo que defendesse as idéias do Manifesto. Tudo em vão.

Depois disso começou a escrever o seu terceiro romance — *O Cavaleiro de Itararé* —, em que focaliza a revolução de 30 como um fantasma amedrontador. Começou, também, a colaborar no jornal "A Razão", em que, com seus artigos não assinados, preparava o espírito do povo para a revolução há tanto tempo planejada. Esses artigos suscitaram inúmeras cartas de brasileiros, adeptos de suas idéias, cujos nomes ele foi anotando, a fim de convocar no momento necessário. Mas, em 23 de maio de 1932, "A Razão" foi incendiada por populares.

Incapaz de permanecer inativo, e paralela à sua ação doutrinária, no dia 12 de março do mesmo ano fundava, em S. Paulo, a Sociedade de Estudos Políticos, tendo, um de seus setores, — o de atividades práticas —, o nome de Ação Integralista Brasileira. Em maio ficou pronto o Manifesto à Nação, redigido por Plínio Salgado, presidente da S.E.P. Sua publicação foi adiada para outubro, por causa da revolução paulista de 32, e, por isso, recebeu o nome de "Manifesto de Outubro".

Plínio Salgado, contra a vontade, é levado à chefia do movimento, que passou a ter a denominação daquele setor.

Em 23 de abril de 1933 se realiza, nas ruas da Capital paulista, a primeira marcha integralista, constituída de 40 homens vestidos de camisa verde, empunhando a bandeira azul e branca do Sigma. Essa marcha foi ridicularizada pelos transeuntes, pelos indife-

rentes que dela tiveram conhecimento, e pelos jornais, ou seja, por todos os que não percebiam o profundo sentido do acontecimento.

Daí por diante Plínio Salgado exerce uma atividade de catequese, de apostolado, procurando despertar a consciência do povo, conquistando os brasileiros para o seu ideal — a grandeza da Pátria —, por meio de livros, jornais, discursos e conferências. Em 1936 a A.I.B. já possuía mais de 150 semanários, 8 diários, várias revistas mensais, como *Anauê* e *Panorama*.

Aos 8 de setembro de 1937, os estatutos da Ação Integralista Brasileira, aprovados no II Congresso Integralista, realizado em Petrópolis, em março de 1935, foram registrados pelo Tribunal Superior de Justiça Eleitoral, passando a A.I.B. a funcionar como partido político. Aquele tribunal, de acordo com o parecer do Procurador-Geral, Dr. José Maria Mac Dowell da Costa, reconheceu “estar a Ação Integralista Brasileira dentro das normas da Constituição de julho de 1934 e das leis em vigor”.

A A.I.B. elegeu vários deputados e, em 1937, apresentou um candidato à presidência da República: o seu Chefe Nacional, Plínio Salgado, escolhido através de um plebiscito dentro do partido. Mas, implantando-se a ditadura de Getúlio Vargas, não se realizou a eleição. Todos os partidos políticos foram fechados, e Plínio Salgado, — tendo-se negado a aceitar cargos no

governo ditatorial — foi exilado para Portugal, em 1939.

Nesse momento de sua vida, prisioneiro da Fortaleza de Santa Cruz, escreveu o belo poema que, de uma vez, transportou para a literatura brasileira a presença deste monumento histórico da nacionalidade.

Após a queda do ditador, em 1945, regressou à Pátria, passando a dirigir o Partido de Representação Popular.

Antes, entretanto, havia terminado a *Vida de Jesus*, que iniciou aqui no Brasil, numa triste noite de Natal, quando foi obrigado a ouvir a Missa da meia-noite pelo rádio, pois não podia ir à Igreja por estar sendo perseguido pela polícia. Plínio Salgado não quis, com esse livro, fazer obra de erudição ou de exegese, mas sim escrever para todos, inclusive aqueles que, não tendo possibilidades de estudarem profundamente a Religião, fossem capazes de sentir, com o autor, o que foi a passagem de Cristo na terra.

Da terra de nossos avós trouxe obras de grande valor doutrinário, tanto no campo religioso como no político, tais como *O conceito cristão da democracia*, *A aliança do sim e do não*, *A mulher do século XX*, *A imagem daquela noite*, *Primeiro Cristo!*, *O Integralismo perante a Nação* e a *Madrugada do Espírito*.

No Brasil, após o retorno, prossegue a sua missão de apóstolo de Cristo e da Nacionalidade. De modo ininterrupto. E logo em 1948 é convidado, pessoalmente, a

comparecer nas Conversações Católicas Internacionais, realizadas em San Sebastian, na Espanha, por D. Bel-
lester Nietto, Bispo de Vitória, depois Arcebispo de Santiago de Compostela. Um dos objetivos do congresso desse ano era redigir a Carta dos Direitos e Deveres do Homem, em face da doutrina católica. Inicialmente, foi apresentada uma definição do homem inteiramente agnóstica. Plínio Salgado protestou, dizendo: "Senhores, estou verdadeiramente surpreso e profundamente chocado com a redação do artigo primeiro. Atravessei um oceano, para tomar parte numa reunião de católicos e confessar com todas as forças da minha alma o nome de Cristo e o acatamento à doutrina de sua Igreja, e entretanto vejo sair da Subcomissão de Direitos Individuais uma definição do Homem que parece escrita por Jean Jacques Rousseau, pelo naturalismo do século XVIII, pelo positivismo, pelo agnosticismo do nosso tempo. Não assinarei um projeto de Declaração de Direitos e Deveres em que conste uma definição do Homem que corresponde a uma capitulação do cristianismo em favor do agnosticismo do qual se têm originado todas as desgraças do mundo" (*Direitos e Deveres do Homem*, pág. 282). Após alguns debates, apresentou sua tese, que foi aprovada. E o artigo primeiro ficou assim redigido: "O Homem é um ser feito à imagem e semelhança de Deus, seu Criador, possuindo uma alma imortal, dotada de inteligência e de vontade livre. Ele deve encontrar na sociedade civil os meios de

cumprir seus deveres e de exercer seus direitos correlativos, conforme as finalidades da sua natureza e sua vocação divina."

*

* *

O grande poeta Augusto Frederico Schmidt disse de Plínio Salgado, em 1934, o seguinte: "Há dez anos ou mais, que o acompanho. E posso dizer que ele sempre pensou da mesma maneira, que ele sempre sofreu pelo Brasil. Fui testemunha de inúmeras tentativas, de inúmeros insucessos seus, da grande incompreensão que o cercou até hoje, até este instante em que o país verificou a sua presença e o sentido da sua missão. Há dez anos que o vejo sempre o mesmo, sempre coerente, sempre pensando nos problemas do Brasil, e vivendo-os também.

Homem de letras e homem de ação, homem de fé ardente e de absoluto esquecimento de si próprio. É impossível ficar indiferente ao seu chamado" ("*Gazeta de Notícias*", 7 de outubro de 1934).

O vate não mudaria as suas palavras: em toda a sua longa vida Plínio Salgado foi um grande incompreendido, "mas sempre coerente, sempre pensando nos problemas do Brasil". E algum dia o seu chamado será atendido por alguma geração que concretizará o seu sonho.

O ESTRANGEIRO

SEGUNDA PARTE

Análises de *O Estrangeiro*
de *O Esperado*
de *O Cavaleiro de Itararé*

Plinio Salgado nasceu a 14 de março de 1931, em São Paulo, Brasil. É um dos mais importantes fotógrafos brasileiros contemporâneos. Seu trabalho é conhecido por retratar a realidade social e política do Brasil e de outros países. Ele é autor de vários livros e artigos, e sua obra é considerada uma das mais importantes da fotografia brasileira.

Plinio Salgado é um dos mais importantes fotógrafos brasileiros contemporâneos. Seu trabalho é conhecido por retratar a realidade social e política do Brasil e de outros países. Ele é autor de vários livros e artigos, e sua obra é considerada uma das mais importantes da fotografia brasileira.

“O ESTRANGEIRO”

Plínio Salgado concebeu a idéia de escrever o seu primeiro romance, *O Estrangeiro*, quando, viajando pelo sertão paulista, antes da Semana de Arte Moderna, deparou com uma escolinha rural, cujos alunos, filhos de várias nacionalidades ao lado de caboclinhos brasileiros, cantavam, uníssonos e com o mesmo entusiasmo, o Hino Nacional, dirigidos por um mestre-escola, caboclo autêntico. Ao elaborar o romance, esta reminiscência não foi olvidada.

O livro já estava vivo em seu espírito. Faltava, porém, o estilo, que encontrou no Movimento Modernista, — um estilo que correspondia ao ritmo da vida atual e era uma necessidade —, porque o “artista sentiu”, diz Plínio Salgado, “no começo deste século, que era chegado o momento de paralisar, na vertigem da

carreira, a forma de expressão com o andar da vida" (1). Achava ele, ainda, que a arte precisava ser "sintética, simultânea, intencional, recreio rápido de gente atarefada". O romance moderno deve, pois, ser composto de pinceladas rápidas, apresentar "velocidade", "simultaneidade", "complexidade", "dinamismo" e "síntese" (2).

Isto tudo se vê em *O Estrangeiro*, sendo Juvêncio a personificação do espírito dinâmico, de seu tempo, defensor da modernidade, da atualização da arte, entrando, por isso, em conflito com "os velhos, que montavam guarda à forma clássica e às idéias equilibradas", paralisados no passado, sem capacidade para caminhar e seguir a marcha do século.

Escolhido o estilo, o escritor estava à espera do momento lírico propício à realização de uma obra de arte. Surgiu-lhe numa noite em que viu, fixado à porta de um prédio, na rua Visconde de Parnaíba, em São Paulo, o letreiro: "Hospedaria dos Imigrantes". Começou imediatamente a passar para o papel o que há muito vivia em seu espírito. É por isso que o romance se inicia com a chegada dos imigrantes no Brasil. Plínio Salgado, tendo notado que nosso "país é uma túnica de cigano sarapintada de borrões e manchas", e que, "sobre o esboço malogrado das primeiras mestiçagens, desenham-se contornos inestimáveis de imagens efêmeras", onde "tudo é indistinto e mudável", tratou nesse primeiro romance do problema bastante brasileiro e

atual, o da mistura de raças européias com o tipo aqui já existente, derivado do português, do negro e do índio. Não existe ainda o tipo brasileiro definido, que até hoje procuramos antever. E o que se sentia era a "ânsia ambiente em aflitiva procura" pressentida por Ivã, esperando "íntima comunhão dos homens, de que resulta a consciência criadora das formas definitivas" (pág. 35). *

O problema é proposto, discutido, analisado e levado a uma conclusão, até onde era possível naquela ocasião e ainda hoje, isto é, que o produto das diversas raças será brasileiro, embora não nos seja agora permitido defini-lo com precisão. Essa conclusão faltou ao *Canaã*, de Graça Aranha.

O Estrangeiro é um romance essencialmente brasileiro, não apenas paulista, porque São Paulo é o Estado que maiores correntes migratórias recebe, internas e externas, havendo, portanto, de dar, ele próprio, o tipo brasileiro, graças a essa particularidade.

O conflito se desenvolve num ambiente de imigração estrangeira, e o autor poupa ao leitor o trabalho de rememorar a causa dessa imigração, pois já explica numa de suas digressões históricas: "Trecho de História do Brasil: os naturais, por seu gênio erradio, não se prestavam à faina agrícola. Foi necessário instituir a escravidão africana. Os negros eram comprados nas fei-

* Edição utilizada: 5.^a, ed. Panorama, 1948, S. P.

Plínio Salgado não admite o domínio espiritual do imigrante, mas aceita a imigração, achando até indispensável a sua contribuição para a formação étnica do povo brasileiro e para o progresso econômico do país. Assim é que mostra as aldeias no Norte, onde não há imigrantes, em completa decadência; e as aldeias de São Paulo, onde a corrente imigratória é intensa, em grande progresso — as fazendas crescem, a lavoura amplia-se e as fazendas se enriquecem. Não podemos, entretanto, entregar a direção da nossa política aos estrangeiros, nem a liderança do ensino, como acontecia na pequena cidade de Mandaguari: “o prefeito era italiano, o coletor, sírio; e italianos e espanhóis havia no Diretório e na Câmara. Caipiras inconscientes acompanhavam-nos, e o governo o que queria era votos. Ostensivamente, em quase todas as cidades, fundavam-se as celeberrimas “Dante Alighieri” e escolas onde as crianças aprendiam, antes de mais nada, a língua italiana” (pág. 46). A sociedade “Dante Alighieri” ensinava aos alunos: quem plantou o café em São Paulo foram os italianos; o automóvel Ford foi inventado pelo conde Matarazzo; Cristóvão Colombo nasceu em Gênova.

Ora, os imigrantes vinham para cá em busca de liberdade e de riqueza, mas deviam ser assimilados pelo mesmo espírito indígena que fez do português um “tipo diferente do seu irmão que ficou do outro lado do mar”. Porque “não é possível que desapareçam os que estavam, os que eram primeiro, os que haviam acumu-

lado no sangue o espírito da terra” (pág. 69). Os imigrantes “serão absorvidos”, profetizava Juvêncio ⁽³⁾. Para isso necessitava-se de “paciência e reação contínua”. Entretanto, em Mandaguari, o caboclo era acusado de jacobino: “Seu nacionalismo, dizia o Matoso na botica, fere a suscetibilidade dos estrangeiros, que tanto concorrem para a riqueza e o progresso dos Estados. Vai de encontro a um outro nacionalismo respeitável” (pág. 69).

Juvêncio tinha fé no Brasil e, “no seu místico desespero, apelava para a natureza intangida e para os fantasmas da História” (pág. 71), para o espírito da raça tupi, para as nossas lendas, para a alma da Pátria, que nos distingue das outras Pátrias, fazendo de nós um povo diferente do europeu. Devíamos conservar a nossa realidade, pois, do contrário, passaríamos a ser uma continuação do Velho Mundo, um reflexo da Europa.

Geográfica e exteriormente o Brasil é diferente. Ivã, o estrangeiro, percebeu isto logo ao chegar: “A cidade americana não tinha nada da européia. Assim o presentia.” “Piratininga! Cidade de ouro resplandecendo na aurora! Diadema na cabeleira verde dos cafezais!” (pág. 16). Ivã “subia a serra comendo *bananas*” e “adormeceu pensando num lindo *abacaxi*”, frutas tipicamente brasileiras... Depois, os campos imensos a serem cultivados, a extensão territorial, tudo *diferente* da Europa. Portanto temos, também, de ser diferentes no espírito e na cultura.

Juvêncio, que personifica o espírito nacional, encontrou o verdadeiro Brasil — paradoxalmente — na mesma Mandaguari, onde havia traços característicos, peculiares, — diferentes das aldeias européias, — que nos distinguem de todos os outros povos: “As grandes cidades, dizia, não possuem traços diferenciais. Que dissemelhança existe entre São Paulo, Nova York, Paris ou Londres? Mas uma aldeia da França é profundamente diversa da vila brasileira, da póvoa lusitana, dos lugarejos perdidos nos recessos de outros países” (pág. 36). “O urbanismo”, escrevia ainda, “é a morte da nacionalidade. Porque é a morte do homem transformado no títere cosmopolita” (pág. 172). Por isso Zé Candinho, caboclo forte, traduzia “a vitalidade da raça, livre das contaminações dos grandes centros! E como era diferente dos brasileiros urbanos, chocados, ao desequilíbrio das civilizações improvisadas!” (idem). Zé Candinho era do norte do Estado, onde raramente se ouvia “sotaque estrangeiro” (pág. 25).

Por conseguinte, a realidade brasileira tem de ser plasmada dentro dessa diferença. E, para que sejam assimilados e não, ao contrário, dominem, os imigrantes devem encontrar aqui forte resistência. E onde haverá resistência maior do que no espírito que vem desde os primórdios do Brasil, desde os índios?

Esse espírito aparece n’*O Estrangeiro* através das lendas e das “crendices” em fantasmas: “Conceta apurava os ouvidos com medo. Sentia em torno da colônia, na

volúpia da noite tropical, pé caprino de fauno, olho de brasa — o Saci-Pererê” (pág. 29).

As lendas do Saci-Pererê, da Mãe-d’água, do Boitatá, do Caapora, narradas pelos caboclos Zé Candinho, Nhô Indalécio e Mingote, assustavam as crianças italianas, que se iam penetrando do espírito forte da raça tupi, sempre vigilante, e ao qual os imigrantes não podiam resistir; quando muito um Ivã, internacionalista, podia opor algum obstáculo a essa tremenda força telúrica.

É na tradição, no passado, na história e nas lendas, que está a realidade brasileira. E Plínio Salgado procura ressuscitar e reavivar tudo isso no coração de seus contemporâneos, despertando-os para o nacionalismo. Relembra fatos históricos, afirmando que o Brasil tem um passado digno de ser lembrado, uma história digna de ser narrada, uma tradição que deve ser cultivada. O Brasil é uma Pátria, porque tem um passado, tem história e tradição. E é dentro desta realidade que a mistura das raças se deve processar, permanecendo intangível o espírito nativo.

Plínio Salgado, ao acabar de falar nas lendas, nas nossas crenças populares, logo no período seguinte cita a fundação de uma sucursal da “Dante Alighieri”, a “banda musical Giuseppe Verdi”, voltando a falar no Saci. Esse contraste mostra dois elementos em luta: o nativo e o estrangeiro. Vemos que o Brasil tem forças e elementos suficientes para resistir à influência européia e para assimilar o imigrante. Não precisamos, pois,

importar cultura, civilização, costumes etc. Temos, por exemplo, a "Mãe de Ouro"; por que adotarmos o "Papá Noel alemão"? Por acaso ela é "menos dadivosa"? E Plínio Salgado faz uma profissão de confiança: "Eu creio que o Saci, na sua puerilidade, sabe enfrentar todas as formas de imperialismo pacífico..." (pág. 11). Por isso, a principal personagem do romance, Juvêncio, "pensava em recrutar um exército de tradições e instintos da terra, sonhos definidos de nação que já se esboçava, para construir com eles a viva muralha chinesa, que tornaria o Brasil intangível" (pág. 69).

Juvêncio personifica, então, a preocupação e a atividade dos nativos para se imporem aos adventícios, impedindo o seu domínio. É isso o que falta ao romance de Alexander Konder, *Os Halifaz*, conforme disse certo jornalista ⁽⁴⁾.

Juvêncio é o brasileiro nato, o caboclo que ama a terra e luta pela grandeza da Pátria; é a afirmação do espírito nacional, que estava bem vivo naquela época, principalmente nos renovadores da literatura. É o brasileiro que quer ver o estrangeiro — Ivã — integrado na Pátria, assimilado, sentindo-se brasileiro de coração, trabalhando e contribuindo para o futuro que se vai construindo. Por isso "tornou-se um bom cicerone, descerrando ao moscovita os segredos da terra" (pág. 21). Ivã, entretanto, não conseguiu adaptar-se à nova terra. Intelectual, não se deixou levar pelo coração nem pelas coisas simples da vida; não se conten-

tava com as pequenas, mas íntimas, alegrias. Ele é, segundo opinião de Nestor Victor, o símbolo do nosso povo, de "vontade aparentemente oscilante, vacilante, como quem quer sair de uma encruzilhada, mas não tem bússola" ⁽⁵⁾. No entanto, Ivã teve a coragem de matar-se num ato trágico, enquanto o povo brasileiro se arrastará numa morte lenta, como Pantojo ⁽⁶⁾. Ivã é um desajustado, que não se sentiu bem na própria terra nem foi feliz no amor. "É um homem que se torna estrangeiro de todos os países" ⁽⁷⁾. Ele não *sentia* a vida brasileira. Procurava interpretá-la objetivamente, como um cientista, um intelectual. Não *sentia* a beleza da natureza, a tristeza do ambiente, como Conceta, que apreciava as plantas e os pássaros nativos, e dizia: "A terra é triste..." (pág. 18). Em vez de procurar entender a terra, amá-la e integrar-se nela, Ivã estava sempre com o pensamento voltado para o passado na pátria distante: "Não consultava as realidades ambientes. Neste ponto Ivã é o próprio povo brasileiro, quer em 1824, quer em 1889, sentindo-se estrangeiro no país para o qual tinha de legislar" ⁽⁸⁾.

"Quando publiquei o meu livro, *O Estrangeiro*", explica Plínio Salgado, "senti o grande choque de duas gerações no meu espírito. A figura de Ivã procedia ainda do mal de antes da Guerra", isto é, pertencia à geração dominada pelo espírito europeu, para cá transplantado, que não correspondia ao caráter de nosso povo, à geração que não conhecia o íntimo da alma de

sua própria pátria, que era pessimista e descrente. Enquanto Juvêncio, continua o romancista, "era já o retorno ao sentimento da terra e da raça, esboçando uma finalidade" (9).

Vejamos o processo utilizado pelo autor para mostrar o conflito de Ivã com o meio ambiente:

"Noite velha. Um cão uivava dolorosamente. (Certa vez, entre estudantes moscovitas, planejava matar o czar. Atiraria a bomba.) O vento zumbia no telhado. (E ela? Que destino seguirá? Filha de condes...) Longínquo, cantava um carro de bois ao luar... (O estratagemas que usara para vir!)" (pág. 19).

E assim por diante. Vê-se perfeitamente que Ivã não prestava atenção na magia da natureza e estava com o espírito longe da nossa terra. Plínio Salgado descreve um aspecto da paisagem e, logo em seguida, o pensamento do russo, mostrando que este permaneceu estrangeiro porque trazia às costas o "cadáver do passado". Ivã não procurou a terra, porque todos "os que a procuram, com sinceridade, sofrem a sua atração deliciosa. Transformam-se ao seu contacto" (pág. 145). Enquanto os rapazes italianos freqüentavam a vendola, procurando adaptar-se ao Brasil, travando relações, Ivã meditava sobre seu passado. Aqueles "em poucos dias pareciam estar na própria terra" (pág. 20); Ivã, entretanto, procurava estudar a língua, através de jornais e livros. Aprendeu-a rapidamente, mas "não penetrou o seu íntimo sentido" (pág. 186). Isto, por ser ele eslavo, de

uma raça muito diferente da nossa. Aquela russa, Ana Olenewna, que não aparece no romance, serviu de pretexto para Ivã estar sempre com o pensamento voltado para a Rússia, sem forçar a assimilação.

Um dos fatores que ajudam a adaptação dos italianos, — latinos, como nós —, é a felicidade aqui encontrada, que os faz esquecerem-se da pátria, onde viviam na miséria. Por isso disse a mulher de Mondolfi, quando o filho foi obrigado a partir para a guerra: "Nossa terra nos negou pão: fugimos; conseguimos a felicidade: é ela ainda que no-la vem turbar" (pág. 75). Mondolfi progride rapidamente, podendo, em dois anos apenas, comprar dois alqueires de terra a Nhô Indalécio" (brasileiro).

Essa adaptação se completa pelo cruzamento com os nossos caboclos: Humberto, filho de Mondolfi, casa-se com a filha de Nhô Indalécio. Os filhos dessas uniões são brasileiros no coração e no espírito. Descendentes de italianos, espanhóis, japoneses, sírios e mulatinhos, todos falam a mesma língua, conhecem e amam a mesma terra e a mesma bandeira, cantam o mesmo hino e estudam a mesma história. Humberto, pelo casamento com uma brasileira, sofreu mais a influência do Brasil do que o pai e o irmão mais novo, porque o filho era um laço que o prendia à terra. Começa, então, a entrar em conflito com o velho, que, com a Itália arraigada no sangue e no espírito, afirma ser, o neto, ítalo-brasileiro, não apenas brasileiro, como quer Humberto.

Com Ivã aconteceu o contrário. O único elo capaz de prendê-lo ao Brasil, seu filho e de Maria de Lourdes, morreu. Não tendo então nenhuma raiz no solo americano, suicida-se, levado pelo seu temperamento.

E por que, podemos perguntar no fim desta análise, é Ivã, essa figura que opôs resistência ao espírito nativo, a personagem principal do romance, inspirando-lhe o título? Naturalmente porque o autor quis mostrar que é inevitável a assimilação dos imigrantes pela realidade brasileira, e, portanto, quem vem imbuído do espírito internacionalista, e não se conforma com o espírito nacional brasileiro, não consegue viver aqui.

Achou Motta Filho que Ivã, como símbolo, é artificial. Mas o autor explica: "Que a figura de Ivã é artificial não o contesto; através de todo o livro há expressões elucidativas a respeito. Mas o seu valor está justamente nisso, pois Ivã não pode valer como realidade, mas como símbolo de realidade" ⁽¹⁰⁾.

Mostramos até aqui o aspecto social do romance — mistura das raças, adaptação e assimilação dos imigrantes — e o aspecto internacionalista de seu principal personagem. O aspecto político aparecerá em outro capítulo.

"O ESPERADO"

Plínio Salgado, em seu segundo romance, *O Esperado*, "não conclui, nem mesmo torce a realidade, como esses romancistas de tese preconcebida...", diz Tristão de Athayde ⁽¹⁾.

"Este romance não defende nenhuma tese. Expõe uma situação e procura marcar tipos expressivos de uma sociedade angustiada", explica o próprio autor (Prefácio). "E de fato", afirma o célebre crítico citado acima, "é o que faz e que dá ao seu romance a grande significação social que possui, como expressão sintética e trágica do grande drama que vamos vivendo."

Cada personagem, cada paisagem ou intriga representa um fenômeno da sociedade moderna. Nenhuma personagem sobressai na obra, porque ela é o romance do espírito de uma época, de uma realidade social for-

mada pela contribuição de todos os homens, de vários acontecimentos e vários fatores. Por isso Edmundo, um dos que se movem no imenso cenário d'*O Esperado*, queria escrever "o romance das mágoas sinfônicas, em que ele mesmo vivia", porque, dizia, "nossa paisagem tem apenas um terceiro plano. Onde ninguém avulta. Onde coisa nenhuma avulta. Por isso mesmo o mistério das linhas crepusculares, das massas incompreensíveis, a surpresa das interpretações variáveis". E concluía: "a verdadeira crônica da nossa convivência deve ser como o traço horizontal das planuras, dos imensos tabuleiros do Brasil" (pág. 160). *

É essa a engrenagem e a estrutura de *O Esperado*...

Nele estão fixados os dias agitados de um período que vem até 1930. E Plínio Salgado soube captar com perfeição o aspecto da capital paulista nesse período. Citemos, para exemplificar:

"Os bondes de Santo Amaro zumbiam ingênuos, levando pic-nics. Um "ponte-grande" desceu com treinos matutinos de rapazes de músculos. Funcionários públicos, empregados do comércio, esperavam, nas esquinas, o caminho da casa — embrulhos e doces, caras risonhas de aperitivos.

"Autos, engraxates, jornaleiros, revistas de cinema em tricomia.

"Multidão indo e vindo, no dia azul, na rua Quinze embandeirada em festa. Um soldado que vai, um pa-

* Edição utilizada: 4.^a, ed. Panorama, 1949, S. P.

dre que vem. Dois sírios conversam na esquina: concordatas, falências e acordos forçados. Bigodes e relógios de portugueses, rostos massa de tomate de italianos. No trote buzinado de um ford, um "chauffeur" japonês sacode um alemão. Negrinhas de meias de seda nos braços *palm-beach* de zumbis endomingados desfilando no *cake-walk* cosmopolita das estilizações *yankees* do Zanzibar.

"A dança serpentina das multidões misturadas. Os prédios misturados. Florentinos, renascenças, coloniais, colunas gregas, na fabulosa ciranda, mãos dadas à musculatura *broadway* dos *dempseys* de cimento armado. Este, vinte andares, aquele trinta. Estilos. A ginástica sobe-desce das multidões prediais na perspectiva acotovelada do dia de luz" (pág. 21).

A estrutura do romance e o ambiente em que ele se desenrola ressaltam das páginas do livro. Assim também os seus tipos mais representativos.

Novamente apelamos para o testemunho de Tristão de Athayde: "A importância social do romance (*O Esperado*) é estudar os costumes da burguesia capitalista do período da grande prosperidade cafeeira. E mostrar-lhe o vácuo imenso das almas" ⁽²⁾.

Logo no primeiro capítulo, aparece Edmundo à procura de Avelino Prazeres, político influente, para "conseguir emprego", com uma carta de apresentação, revelando-se um indivíduo sem iniciativa, sem capacidade para vencer sozinho, necessitando da ajuda de terceiros.

Mr. Sampson é a personificação do imperialismo inglês, que, através dos sindicatos, vinha dominando economicamente o Brasil. A esses sindicatos, os políticos interesseiros, sem o menor sentimento de patriotismo, visando apenas lucros particulares, entregavam a Pátria mediante acordos econômicos nocivos ao país. Mr. Sampson é ainda o símbolo do objeto que desgraça a humanidade — a moeda —, cujo ruído “era a palavra cabalística que fazia ranger as portas de bronze e, mais do que isso, o sorriso complacente dos homens” (pág. 26).

O Sr. Hyggins é a personificação de outro imperialismo, norte-americano, que, sob o pretexto de ajudar fraternalmente todos os países da América, por meio do pan-americanismo, domina o Brasil, orientando estrategicamente o seu comércio internacional, impondo-lhe os preços. O Sr. Hyggins tem um ar de superioridade, diante da qual se curva o Dr. Becca, político. A atitude dessa personagem lembra-nos o complexo de inferioridade dos brasileiros, que se menosprezam considerando o estrangeiro, principalmente o norte-americano, superior em tudo.

A inimizade entre esses dois senhores, Sampson e Hyggins, simboliza a competição dos imperialismos, inglês e norte-americano, na economia e no comércio do Brasil.

Esse imperialismo não tem pátria; é internacional, estabelecido ocasionalmente num país, onde age por meio de “trusts”, de sindicatos e de bancos, influenciando

na política e nos negócios internos. Por isso Mr. Sampson “contava histórias de vários países, citava casos semelhantes, coisas da Índia e da Argentina, da Turquia e da China dos bons imperadores celestes” (pág. 187).

Os políticos interesseiros, como Avelino Prazeres, Laurentino Canoa e Conrado, favoreciam a atividade de Mr. Sampson. Para Avelino “tudo se pode enquadrar dentro dos bons princípios democráticos” (pág. 33), até lesar o povo e prejudicar o Brasil. Iam, esses políticos, fazer um acordo comercial com o sindicato inglês, que agiria aqui “com as prerrogativas de um Estado dentro do Estado” (pág. 42). “Mas, o povo, arriscou Canoa, pode não gostar”... Ao que respondeu seu comparsa: “Ora! O senhor falar em povo”! É que, como deixa patente Plínio Salgado, o povo, na nossa liberal-democracia, está num plano secundário. Essa democracia prega e defende a liberdade absoluta, incondicional, e os políticos, ditos representantes do povo, agem livremente em defesa de seus interesses, não dos interesses da coletividade. Em seu benefício, exploram a necessidade de homens como Camurça que, precisando sustentar uma família de cinco pessoas, só ganham um conto de reis por mês, de homens que, acostumados ao conforto e à fartura, de um dia para o outro perdem tudo (pelo decreto da expropriação de terras), transformando-se, por dinheiro e posições, em instrumento de negócios escusos, em brinquete nas mãos de gente sem escrúpulo, como Avelino Prazeres e Laurentino Canoa. Rodrigo

Jorge é um exemplo. Confiscaram-lhe as terras e queriam obrigá-lo, oferecendo-lhe um cargo importante, a apresentar o projeto daquele acordo com Mr. Sampson. Mas Rodrigo Jorge, possuindo "o sentimento da tradição histórica" (*in* prefácio), ataca o projeto no momento em que devia defendê-lo na assembléia, em detrimento de todas as vantagens: presidência do Estado, fortuna etc... Soube ser digno do heroísmo de seus antepassados.

O Dr. Antoninho é outro exemplo. Com uma letra de vinte contos vencida e a família para sustentar, torna-se cúmplice, contrariando a própria consciência, nas trapaias do poderoso senador, Avelino Prazeres.

A família de Camurça representa bem as pessoas para quem o salário alto não sana as dificuldades, porque, quanto mais ganham, maior é a ambição, maior é o número de objetos "necessários" e "indispensáveis", mas sem os quais, antes, passavam bem. A filha de Camurça não se contenta com a idéia de possuir um Buick, quer um Packard; a mulher logo encontra o que comprar: uma vitrola e uma "frigidaire". Consequência: o dinheiro tinha de ser "medido" mais uma vez...

Jaguar-etê, o ladrão dos bairros aristocráticos, representa a classe pobre, sofredora, que luta para conseguir um pedaço de pão para os filhos. Revolta-se, por esse motivo, contra os ricos, que ostentam injuriosamente o seu luxo, manifestando essa revolta por meio de greves, de roubos, em que dá evasão a todo o seu ódio: "os

automóveis de luxo geravam greve. As jóias, as sedas, os perfumes, a beleza das mulheres, a sombra dos parques, os pomposos portões inexpugnáveis, as casas perpetuamente fechadas, no silêncio aristocrático e fúnebre, ensombradas de arvoredo — tudo isso era como um canto de amor fecundo nos sonhos de revolta do Bom Retiro e do Brás"... "Jaguar-etê é filho do orgulho infantil de Higienópolis que fecunda o útero fértil dos bairros da vaza, populações de calceteiros e lixeiros" (pág. 101). Os Jaguar-etê, cujo número é sempre crescente, são o produto dessa sociedade burguesa.

Marcos, que censura Edmundo por ter dado uma esmola, é um indivíduo egoísta: "Devemos resolvê-lo, e não deixar uma moeda no colo desse problema", diz ele (pág. 51). O egoísta é assim: finge grande generosidade, falando em planos para acabar com a miséria sobre a terra, que não poderá nunca pôr em prática; e não procura solucionar casos isolados que se lhe apresentam a todo instante, porque isso não resolve o problema geral ⁽³⁾.

O mesmo Marcos percebe o conflito das diversas teorias unilaterais que pretendem compreender o Universo e o Homem, e solucionar-lhes os problemas. Diz ele a Mano, o comunista: "Que materialismo histórico é este, que parte de Kant para a Metafísica? A Justiça, a Igualdade, não são mitos e misticismos que se insurgem contra o processo de evolução biológica e a seleção dos

mais aptos? Como o direito clássico, tudo mais e sistematização de pavores" ... (pág. 51).

Mano é o comunista, para quem "tudo se reduzia ao problema econômico, que nivela amplamente todas as possibilidades" (pág. 71).

Arruda, o dono do Clube Talvez, representa os inimigos do comunismo apenas por questões econômicas e não por princípios morais, ideológicos ou religiosos: temem que o comunismo lhes confisque os bens e lhes suprima os meios ilícitos de enriquecimento fácil (pág. 76). Se não existisse essa ameaça poderiam até ser partidários da ideologia soviética.

Nesse retrato da população de São Paulo, tão complexa, aparece também o agitador de ódios e revoltas da classe proletária — Solidônio.

Vê-se claramente o espírito burguês e materialista dominando a sociedade moderna, levando os homens a agir em tudo por interesse econômico, em busca da fortuna. Os casamentos, por exemplo, se discutem e se resolvem nesse sentido: são um "negócio como outro qualquer" (pág. 85). Gomes de Barros, que "está quebrado", pensa em casar-se com Nina, filha de Avelino Prazeres, porque este está em ótima situação. O dr. Antoninho pretende casar a filha, Ondina, com Pluto, o filho corcunda de Prazeres. Este queria um filho sem defeito, que "seria um instrumento a manejar num matrimônio de habilidade" (pág. 57). Quer casar a filha com Gomes de Barros, "o rei do café". A mulher

de Camurça ambiciona para as filhas um casamento rico e não um bom casamento.

Nessa sociedade só tem valor e merece consideração quem possui riqueza. É por isso que o senador se opõe, a princípio, ao casamento do filho com Ondina, "aque-la pobretona, sem prestígio, sem família, sem posição, com um pai que nada vale" (pág. 57). Só vale o dinheiro, abaixo do qual está até a honra. Dona Xuxula, por exemplo, escreve ao marido: "Mande dinheiro, se não aconselho mal a elas", às filhas (pág. 97). Todos os meios, inclusive o roubo e o assassinio, justificam o fim — dinheiro (pág. 147). Hoje, distinção significa "ter categoria social, possuir bens de fortuna, saber aproveitá-los com certa elegância, enfim, não ser um qualquer" (pág. 118).

Outro problema do mundo atual focalizado n'O *Esperado* é o choque entre o capital e o trabalho. É a luta entre Infantini, o grande industrial, que tem capital e crédito nos bancos, podendo fazer propagandas caríssimas de seus produtos e desenvolver a sua indústria, e o pobre Corregio, que não tem capital nem crédito, contando apenas com o seu trabalho para competir com o poder capitalista de Infantini; e este, totalmente indiferente à desgraça do colega, que está com as duplicatas vencidas, com os credores à porta, sendo obrigado a despedir os empregados e chegando à falência (pág. 152).

Os grandes burgueses só pensam em seus negócios. Nenhum deles se preocupa com o Brasil, com os problemas da Nação, nem percebe o que se passa com as massas. Nas reuniões "chics" só se fala em Ardel, Delly, Féval, Dantas, Rossini, Caruso, nas companhias francesa e espanhola, de revistas teatrais; as senhoras só tratam de "costureiros, de vestidos, de automóveis e de modas" (pág. 80). Estão todos completamente alheios e indiferentes à realidade da vida brasileira. O único objetivo é "cavar" dinheiro.

A multidão, desesperada, está erigindo novos "deuses de bronze". Agora, no século XX, é o deus-máquina, o deus-autômovel que impera, no seu templo de cimento de São Paulo, centro da economia nacional em nossos dias. Corregio, o pequeno industrial, observou muito bem um pormenor que vem confirmar essa situação: "Repararam nessa nova forma de saudação que se está generalizando? "Cavando!" É hoje uma expressão comum no torvelinho da cidade, à porta dos bancos, nas escadarias das secretarias, nos guichets das repartições. Aonde chegaremos assim?" (pág. 108).

A greve dos operários, descontentes com os patrões e insatisfeitos com o salário, "solucionada com uma pequena concessão e muitos soldados, o rumor nas pedras das ferraduras de esquadrões da cavalaria imponente" é uma das consequências do capitalismo avassalador, devorador, que tudo quer para si e não dá oportunidade a outros de vencer economicamente.

É a ambição por dinheiro o que domina os homens armados, onde vêm todos suplicar "dinheiro". O Homem, querendo ser livre, tornou-se escravo do capitalismo, que suprimiu até as doces alegrias da família: "Nos bairros fuliginosos não havia mais resignação nem a alegria tranqüila que se evola dos afetos. As filhas dos operários queriam vestir-se melhor... No quarteirão dos desesperos familiares, das tristezas soturnas, das raivas gritadas, havia suicídios com lisol e creolina, fogo nas roupas... E fugas com rapazes de carrocerias lustrosas possantes nas voladas" (pág. 109).

A prostituição, no romance, aparece como derivação do capitalismo, dissolvente de todos os princípios da moral; do materialismo, que torna o homem escravo de seus instintos; e, conseqüentemente, do fatalismo, por causa da contingência da matéria, que é mortal. Gabi e Graciosa, por exemplo, erram por não possuírem a necessária força moral para suportar a pobreza e resistir à tentação do dinheiro.

Os homens do século XX confundiram a alegria com o prazer, e, por isso, procuram no prazer material, animal, a alegria que não encontram no casamento por interesse (Avelino Prazeres, por exemplo), nas negociações que satisfazem apenas a ambição, nas amizades falsas e prontas a traição.

Em *O Esperado* vê-se a angústia do tempo, o desespero das multidões, que desejam alguma coisa, esperam "alguém" para descobrir o que lhes falta e trazer-lhes a

felicidade. Todos sofrem. Nem os ricos são felizes ou estão contentes e tranquilos. Têm medo de perder a fortuna e sempre ambicionam mais. Vivem numa angústia constante. Laurentino Canoa, por exemplo, invejado porque “tinha automóveis de raça e mulheres de alto bordo”, “era um atormentado”, “porque havia sempre alguém que tinha um objeto melhor do que ele ou uma consideração a mais, ou uma mulher mais bonita, ou uma transação malandra a contar” (pág. 86).

Em conclusão, a humanidade sofre porque é dominada pelo materialismo, que origina o espírito burguês, espírito que está em todas as classes, porque o burguês não é só o rico: são todos os que se preocupam somente ou em demasia com os bens materiais, não se contentando com o que possuem e ambicionando riquezas, para cuja posse lançam mão de todos os meios, esquecendo-se da alma e de Deus. É Nina, a filha de Avelino Prazeres, com o espírito inteiramente oposto ao do pai, quem percebe que os homens se desesperam e lutam inutilmente “porque todos os lutadores põem na felicidade material o objetivo da sua vitória” (pág. 183).

Essa ambição é um objetivo que não satisfaz. Por isso todos sentem um vazio na alma. Infantini, por exemplo, com toda a sua rica indústria, tão rendosa, “sentia-se isolado”.

Os grandes industriais, os lavradores e os funcionários não estavam satisfeitos, e os jornais gritavam contra o governo, considerando-o “o grande responsável”. Mas

os políticos, que deviam conhecer e atender as necessidades do povo, não procuravam fazer nada em benefício dele, agindo “acionados por forças obscuras, indefinidas, que se originam do próprio espírito da sociedade” (pág. 87). As eleições eram uma farsa. Não representavam a vontade do povo, porque não era ele quem escolhia; eram os partidos que impunham o candidato, visando interesses particulares, e não os da coletividade.

Os freqüentadores do Clube Talvez é que percebem, na multidão, e procuram interpretar, a atitude de espera ainda inconsciente e o estado de angústia. Nesse Clube reúnem-se as mentalidades mais diversas: comunista e materialista — Mano, o espiritualista — Tupã, o egoísta — Marcos, o jornalista profissional que se adapta a qualquer situação, a qualquer governo — Gavião Teixeira, o grande e pequeno industrial — Infantil e Corregio, o desesperado, que não sabe de onde veio nem para onde vai, e não tem objetivo na vida — Pluto — etc. Todos esses, entretanto, estavam unidos num ponto: esperavam juntos “alguma coisa” que mudasse a face da vida. Mas essa espera é consciente, meditada e refletida.

Edmundo Milhomens ⁽⁴⁾, de modo particular, compreendeu que o Brasil estava atravessando um período significativo, que marcaria a história. Achava necessário, então, que aparecesse um cronista apto para interpretar essa “época de dúvidas”, fixando-a numa obra

de arte atual, cujo estilo correspondesse ao ritmo da vida presente ⁽⁵⁾.

Nessa sociedade burguesa, cada qual procurava descobrir, a seu modo, uma solução para o nosso caso. Mas cada um desses planos não resolveria nada, porque eram unilaterais e não atingiam o ponto principal do problema. Infantini, entretanto, penetrou no fundo da questão e teve uma visão mais clara da situação, percebendo que ela não era simples como julgavam os outros: "Quem poderá dizer que coisa falta ao Brasil? Quem adivinhará que *"ausência"* o mundo moderno deplora?" interroga ele. "A civilização nos deu tudo, responde, todos os aperfeiçoamentos e confortos. Mas parece que nos levou alguma coisa"... (pág. 82).

É verdade. Nunca o progresso material proporcionou ao homem tanto conforto como agora. Nunca o homem gozou, como agora, da plenitude dos benefícios, possíveis e imagináveis, da natureza e da ciência. E nunca se sentiu tão infeliz.

Tupã, o espiritualista, compreende que é necessário "dar ao homem uma finalidade mais alta", (pág. 108), e que toda a crise contemporânea tem como origem o fato de o homem ter-se desviado do caminho traçado por Deus, esquecendo-se de onde veio e para onde vai ⁽⁶⁾. Transformou-se em máquina, porque o coração e a alma deixaram de funcionar.

Portanto, um dos mais vivos problemas do século XX é o da recuperação dos valores espirituais, pois o

progresso material não trouxe felicidade nem paz, antes, o desespero. O mundo ⁽⁷⁾ precisa retomar o caminho da finalidade superior traçada por Deus. E "o esperado" não é um homem, um "messias", mas a renovação espiritual do Homem.

Esse é o tema do romance.

Avelino Prazeres, por exemplo, quase aos 60 anos, vai, pouco a pouco, percebendo que existe alguma coisa superior a todo esse materialismo do século da máquina, e acaba por encontrar o verdadeiro sentido da vida humana, porque reconheceu que naquela vida de "atribuições, sede de riqueza e de poderio, nunca fora feliz" (pág. 128).

Padre Azambuja também "sabia a origem de todas as inquietações. E prescrevia um remédio oposto à medicina materialista de Mano e de Manfredo" (pág. 174).

E Plínio Salgado não deixa de mostrar as pessoas que já encontraram esse remédio, pois a sociedade não é formada só de homens que não sabem o que querem. Nina, sua mãe e a mãe de Edmundo vivem tranquilas e felizes na sua piedade simples e humilde.

Evangelino Tupã, enquanto compunha suas melodias, meditava que "o homem moderno vem perdendo o ritmo harmonioso que evidencia a gloriosa procura do Infinito..." (pág. 175). Para ele, o "esperado" não podia ser "um homem, a transplantação do velho messianismo lusitano: era uma voz. Faltava uma voz na tormenta do Mundo", dizia (pág. 179). E essa voz é a

que vem do alto, diretamente de Deus para a alma humana. E Pluto, “o irremediável humano”, cuja dor “é síntese de todas as dores” (v. pref.), desistiu da idéia de suicídio compreendendo “que já não se pertencia” (pág. 179), porque vislumbrou o verdadeiro sentido da Vida, ao ouvir a música de Tupã, que dava a sensação da Terra e das misérias do mundo distanciando-se, e do Céu se abrindo “numa revelação de Deus e do destino superior do espírito” (pág. 179).

Só a crença nesta verdade, portanto, poderá trazer paz e felicidade ao mundo.

Parece-me, então, que o autor, mesmo tendo prevenido, no prefácio, que o romance “não defende nenhuma tese”, sendo um “inquérito e depoimento”, ele a defendeu sem planejá-la antecipadamente. Esta opinião não contradiz a afirmação de Tristão de Athayde, citada no início desta análise, porque Plínio Salgado não forçou a conclusão a que chegou: ela surgiu ao seu encontro da própria observação da realidade.

O Esperado é um romance antimessiânico, apesar de muitos dizerem o contrário. A prova patente e insofismável está no fato de caírem “as trevas mais espessas”, ocultando o “esperado”, quando todos julgavam vê-lo...

“O CAVALEIRO DE ITARARÉ”

Em *O Cavaleiro de Itararé* Plínio Salgado continua analisando a sociedade do século XX. Nele encontramos a resposta para uma pergunta que ficou suspensa n’*O Esperado*: “Para onde”?, interroga o autor no epílogo. Para onde marcha a multidão que se agita inconscientemente?

A resposta se acha n’*O Cavaleiro de Itararé*, onde vemos que as massas tiveram de parar no meio do caminho, porque não encontraram nenhuma rota a seguir. Tornaram-se amorfas, “pinóquios”, “seres de tarracha, sem vibração, sem autonomia de ritmos, sem esgar, um ritus expressivo de vida, de força, e de espírito”, parece que movidos por molas, inexoravelmente “ligados” a um sistema de cordas, de elásticos e dis-

cos" (pág. 51), * conforme se considerava Teodorico, uma das personagens representativas do romance.

É a conseqüência da civilização da máquina, que transformou o homem em um "boneco de carne" sem coração, sem sentimento, sem afeto, movendo-se apenas impulsionado pelos imperativos da matéria.

O operário foi quem mais sofreu com isso, porque a máquina o expulsou da fábrica. Vêem-se pelas ruas de São Paulo "tristes homens sem trabalho, fumando tocos de cigarros, — pobres carcaças desprezadas pelo banquete pagão das usinas poderosas" (pág. 50). A máquina vale mais do que o homem, que se torna escravo de sua própria criação.

Notava-se, entretanto, alguma reação por parte do povo. Teodorico, por exemplo, concretizava o drama dos homens que querem ser "alguém" e não fantoches ou máquinas. Queria descobrir o alto sentido da vida, mas era "uma carta sem endereço". Não sabia de onde veio nem para onde ia. Nem podia ser de outro modo, devido à sua educação burguesa, "absolutamente estandardizada, com grandes ares cosmopolitas em que se mesclavam costumes dos países superindustriais, ostentação exterior de refinamento" (pág. 52). Daí o vazio de sua existência, que procurava preencher com prazeres, negócios, deveres sociais, coisas que não satisfazem a alma.

* Edição utilizada: 3.^a, ed. Panorama, 1948, S. P.

Os homens agem sempre visando um fim. São os que, conscientemente, sabem para onde vão. Outros vivem como os passageiros de turismo, que procuram matar o tempo, de qualquer modo, enquanto o navio escalona em vários portos. Ignoram a meta final de seus destinos: assim era Teodorico.

Essa personagem, que Plínio Salgado revelou aos seus leitores e não, a nosso ver, criou, porque é tão real e reconhecível dentro dos quadros humanos que nos cercam, "agitava-se" para fugir ao tédio. "Para quê?", interrogava-se. E a resposta vinha desoladora: "para coisa nenhuma" (pág. 141). "Trabalhava, desejava ganhar muito dinheiro, acumular uma enorme fortuna. Para que fim?". Não sabia.

Teodorico, até certo ponto, vive o mesmo drama de Pluto, o corcunda de *O Esperado*. Nenhum dos dois foi educado dentro da noção de "responsabilidade", de "um papel a desempenhar", e de "uma finalidade superior traçada por Deus" (pág. 180 de *O Esperado*).

É justamente isso que falta à humanidade, essa "finalidade superior" de que o homem se esqueceu. E Teodorico fazia parte, de forma total, desta humanidade. Trazia consigo uma imensa riqueza, cuja força pretendia utilizar, dominando "as maiores potências políticas, pela ação de sua fortuna, do seu dinheiro, dos seus negócios". "O comércio e a indústria acabariam imperando completamente sobre as correntes partidárias" (pág. 77), estando o capital acumulado nas

mãos de uma minoria, de tal forma que o pequeno comércio, sem crédito nos bancos, sem possibilidades para desenvolver-se, angustiosamente seria sufocado.

O capitalismo, exaltando a parte material do homem, vai gradativamente atrofiando a parte espiritual, anulando o Homem (com H maiúsculo) que existe em todo o homem comum. Gruber, por exemplo, quer destruir o Homem procurando anular as últimas manifestações da alma. Por isso recomendava "o futebol, os sorvetes de creme, as corridas de automóvel, as mulheres, os cães e os cavalos", dizendo: "A vida é só isso. Fora dessas preocupações tudo é ilusão" (pág. 58). Aconselhava o comodismo e a indiferença, que destroem toda a capacidade de realização, toda a energia, portanto, a necessidade que tem o homem de se afirmar como pessoa humana, o qual passa a agir apenas como animal irracional. Por conseguinte, não há atitude nem ação alguma, na sociedade, que revele a existência do espírito, da consciência ou da alma.

Gruber é o símbolo dos céticos, que não acreditam em nada e querem destruir todos os valores morais e espirituais que os outros consideram.

Não existe, na realidade, um Gruber, mas sua ação "niilista" nós sentimos na vida de todos os dias: "Foi Gruber quem fez fracassar a iniciativa de Maranduba e Müller. Foi ele quem desarticulou os revolucionários das Legiões dos Clubes. Quem implantou a desconfiança nas classes armadas. Quem desmoralizou os partidos.

Quem os fundiu, de novo, em frentes únicas. Quem deitou cizânia no próprio Partido Comunista e tornou ridículos os fascistas. Ele desfibrou tudo, dissolveu tudo com sorrisos cortantes e intrigas sorrateiras" (pág. 262). Ele anulou todo o bem ainda possível nos empreendimentos humanos, por não crer nessa suprema aspiração das criaturas.

Em oposição a Gruber está o espírito de afirmação do "Pensamento Nacional", em Maranduba. "A doutrina de Maranduba", comentava Gruber, sabendo do fracasso do filósofo, "não pode medrar, justamente pelo seu conteúdo de afirmação. É demasiado absoluta para uma raça que se distingue exatamente pelo culto dos relativos" (pág. 238).

Aquele espírito de Gruber é quase geral em nosso país; e simboliza "toda a incapacidade de crer e de realizar da nossa raça: o riso sardônico, o comodismo, a desilusão amarga, destruição sistemática" (pág. 262).

Gruber é ainda o representante do coletivismo, que atrofia o homem. Este perde o seu valor, a sua dignidade de pessoa humana, transformando-se em um número apenas, uma fração, uma peça da grande máquina coletiva. "Nosso fim é nada fazer", diz. "Devemos aplaudir, continua, todos os vencedores, estar ao lado de todos os governos, ajudar, com o nosso apoio moral, os poderosos a cumprir a sua missão na terra" (pág. 110).

Esse plano de Gruber, de adesão a tudo, de inércia espiritual completa, de falta de reação, é um meio mui-

to eficaz de bolchevizar as massas, que se entregam ao materialismo, vivendo-o sem o perceberem.

De Moreyra é o comunista agitador, que empunha armas e aproveita a oportunidade das revoluções. Por isso diz: "Temos de esperar a onda crescer, preparando-nos para o grande momento em que sairemos à rua, com nossos camaradas do Exército e da Marinha" (pág. 70).

Entretanto, para que o comunismo fosse coerente com a sua fonte de origem devia ser como Gruber pregava. Pois o comunismo vem do materialismo, e o materialismo não é revolucionário, porque se conforma com o desenvolvimento das leis naturais, com o determinismo da matéria, com o fatalismo dos fatos; não é revolucionário, porque revolução significa a interferência do Espírito "no desenvolvimento das forças materiais da sociedade" ⁽¹⁾. A revolução "não se submete ao ritmo do materialismo histórico" (idem). Revela a existência do Espírito, em que o materialismo não crê. O comunismo, por conseguinte, deve "deixar correr o marfim" (pág. 58), e não reagir nem procurar transformar ou renovar.

Mas não é o comunismo o primeiro mal do século, deixa patente Plínio Salgado no seu romance. É o burguesismo. Porque é a ostentação do luxo dos ricos — que ensinam, com o seu exemplo, que a vida é só prazer, que não existe Deus nem o Espírito, que a vida termina aqui — a causa da revolta dos pobres, os quais

apelam então para o comunismo, esperando a justiça que este promete, pois, se a vida termina aqui, o que lhes interessa é gozar como os ricos e não se conformam com o sofrimento e com a renúncia. Foi o sucedido com Pedrinho, que, depois de preso injustamente, se tornou comunista. "Tinha sido um puro (pensava), um humilde, comprimindo desejos; lutando bravamente, sem jamais conhecer a face alegre e dionisíaca da vida. Por quê? E para quê? Não passava de um animal; e essa era a lição que agora compreendia, de todos os poderosos, de todos os ricos, dos que se instalaram comodamente para assistir ao espetáculo complexo da luta diária" (pág. 117).

A classe média também sofre a influência perniciosa do burguesismo, fazendo tudo para levar uma vida semelhante à do amigo burguês.

Nessa sociedade não existe mais hierarquia de valores, porque um só valor é considerado e almejado — o dinheiro. Nenhuma ação é praticada sem se interrogar, antes, quanto se vai ganhar ou que vantagem prática se obterá com ela. Por dinheiro, por um automóvel de luxo ou um casaco de peles falsificam-se cheques, alteram-se faturas, lesa-se e assassina-se o próximo, enquanto as gerações que assim vivem assinam o seu próprio epitáfio.

Sentimento patriótico, consciência nacional, é muito raro. Zenóbio Duarte, por exemplo, ama o Brasil apenas por suas belezas naturais, pelo valor de suas perso-

nagens históricas, e prefere os produtos nacionais (por serem mais baratos do que os estrangeiros). Mas o seu nacionalismo não passa disso. Nem ao menos conhece a realidade da Pátria e os problemas que a afligem. Entrou para a política e lutou somente por seus interesses. Contentava-se com esse nacionalismo superficial e sua única preocupação era subir na vida. Completamente agnóstico, indiferente a tudo, não sabia o que ia pelo mundo e nem pensava em saber. Suas atenções voltavam-se, exclusivamente, para o pequeno círculo de pessoas importantes que poderiam facilitar o seu progresso.

No entanto, a nosso ver, o que mais importa nesse romance e faz a sua grandeza não é a fixação e a análise dos tipos representativos da sociedade moderna, que já aparecem em grande número no segundo romance. É a profunda penetração do autor na psicologia do período revolucionário de 22 a 30, pressentida por Alceu Amoroso Lima, quando *O Cavaleiro de Itararé* ainda estava em gênese no espírito do autor, logo após o estudo de *O Esperado*, — imediatamente anterior ao romance focalizado no momento —, feito pelo crítico. Diz Amoroso Lima com extraordinária clarividência, revelando profundo poder intuitivo: “Promete-nos aliás um terceiro volume, que completará a trilogia e conterá certamente a visão do São Paulo revolucionário de nossos dias, tão inquietantes para os que vêem no imperialismo comunista a maior ameaça que pesa sobre os

povos sem personalidade e sem estrutura como o nosso (2).

Em *O Cavaleiro de Itararé* vê-se a angústia do povo insatisfeito, incompreendido pelo governo republicano, que estabeleceu, — por meio de leis importadas do estrangeiro, completamente em desacordo com as nossas necessidades —, uma vida artificial, teórica, intelectualizada, esquecendo-se de consultar a vida real do nosso interior, dos nossos sertões, tão diferente da vida da Europa e da América do Norte. Até essa ocasião não se tinha feito outra coisa, no Brasil, senão importar as constituições da Inglaterra e dos Estados Unidos. Adaptação alguma, entretanto, seria satisfatória, tendo sido, aquelas constituições, feitas para determinada realidade muito diferente da nossa. Por conseguinte, nossas leis deveriam nascer das nossas necessidades, ser elaboradas em função dos nossos problemas, a posteriori. Para isso nossos legisladores deveriam tomar o pulso da raça, penetrar profundamente no espírito do povo para conhecer suas ânsias e suas exigências naturais e legítimas, estudar os nossos costumes e as possibilidades de nossas terras, tão diversas em cada região.

Não acontecia isso, entretanto. E Plínio Salgado percebe a existência de duas pátrias em completo divórcio: a “Pátria-oficial” e a “Pátria-real”. Alberto Torres já havia falado na Constituição real, vivida pelo povo, e na Constituição oficial, escrita teoricamente dentro de um gabinete, enquanto Oliveira Vianna notou a

diferença das duas populações, a do interior dos sertões e a do litoral. No Brasil se processavam, então, lutas “de povos explorados contra uma organização internacional; de um espírito nacional profundo contra as exterioridades absorventes de uma cultura que não teve suas raízes na América do Sul” (pág. 103).

No último volume da trilogia dá-se, pois, a eclosão dos desesperos recalcados, a ânsia de justiça e felicidade que se nota em *O Esperado*.

Esse clima psicológico foi uma das causas das revoluções ou um dos motivos que levaram o povo a aderir com tanto entusiasmo aos revolucionários ⁽³⁾.

A causa direta foi a questão econômica. Assim é que Zenóbio diz: “O câmbio está firmando; por conseqüência, a revolução é impossível” (pág. 76). Porque câmbio estável significa situação econômica satisfatória para todos, eficiência por parte do governo, que ninguém pensará em substituir. Mas o câmbio não se firmou, o dinheiro foi-se acumulando nas mãos da minoria capitalista, e o descontentamento, tornando-se geral, favorecia o crescimento do espírito revolucionário. Por isso Pedrinho aceitou de corpo e alma a revolução liberal de 1930. Num impulso de desabafo, de vingança aos burgueses que o faziam sofrer. E eram os próprios burgueses os autores da revolução. Lê-se no romance: “Os burgueses do Rio Grande e de Minas pretendem esmagar os burgueses de São Paulo, unidos aos descontentes da plutocracia industrial e cafeeira daqui” (pág. 70).

Esses capitalistas aproveitavam a onda de insatisfação reinante nos meios proletários, e os operários, soldados e marinheiros utilizavam-se da arma reivindicatória proporcionada por aqueles — a revolução armada. Por isso diz um rapaz comunista: “Temos de esperar a onda crescer, preparando-nos para o grande momento em que sairemos à rua, com nossos camaradas do Exército e da Marinha. Será a hora dos operários, soldados, marinheiros, camponeses” (pág. 70).

Os escritores bem intencionados esperavam a revolução de outubro, que haviam preparado e antecipado com a Literária, em 22. Julgavam eles que “só a revolução nos salvaria” ⁽⁴⁾. Os estudantes também se empolgaram com a idéia, levados pela sentimento altruísta, querendo contribuir para a felicidade da família brasileira. Para isso “havia de arrancar o Brasil das garras dos politiquinhos” (pág. 83), pensavam. O objetivo imediato era “tomar tudo”, “derrubar a tirania do Catete”. No *depois* ninguém pensava. Ninguém sabia o que se devia fazer para normalizar a situação, ninguém tinha planos para assegurar a ordem e o progresso do país, ninguém sabia o que deveria substituir aquilo que derrubavam. Todos achavam que a simples deposição do governo vigente traria paz e progresso.

Plínio Salgado então, através de duas personagens fictícias, vem corajosamente afirmar que estavam enganados, isto é, que essas revoluções, cujo objetivo único e imediato era apenas derrubar governos, não apresen-

tando programa nem doutrina, tinham só a virtude de agravar a nossa situação, sendo urgente outra espécie de revolução — a revolução espiritual.

E o povo teve a prova disso.

Depois de 30, caíram os partidos políticos estaduais, que sustentavam a política dos governadores, contra a qual o povo se revoltou, mas o país entrou num caos inquietante: “Havia os liberais democráticos; os sociais-democráticos; os confederalistas; os federalistas; os presidencialistas; os parlamentaristas; os socialistas radicais; os comunistas-stalinistas; os comunistas-trotskistas; os “reformistas” de Saint Simon e os de Freud; os sociais-nacionalistas; os católicos republicanos da direita, da esquerda, do centro; os protestantes liberais e os conservadores, os centralistas, os autonomistas-separatistas, os monárquicos-parlamentares e os absolutistas.” Além disso formaram-se diversos grupos e clubes revolucionários (pág. 178), cada qual apresentando um plano unilateral de reforma social, de solução para a crise política que atravessávamos.

A decepção e a descrença já começavam a surgir, pois a última esperança do povo havia falhado. O proletariado se organizava em greves; os comunistas conspiravam ameaçando a dignidade nacional; as indústrias e o comércio iam mal. O país viu-se diante da “indisciplina das forças armadas; a confusão civil; a estéril intriga dos políticos profissionais, que ressurgiam despudorados; as conspirações dos bastidores; os levantes de

quartéis; as rivalidades regionais; o boatério da imprensa e as acusações mútuas; a multiplicação dos feudos políticos e o espírito caudilhesco de influências pessoais” (pág. 194). E o Ditador, o chefe revolucionário, dizia: “Não é possível enquadrar e dirigir a Revolução” (pág. 194). Mas Plínio Salgado sabia que “uma coisa faltava ao Brasil: organização. Não havia o espírito de ordem, de método, como também não havia capacidade de agir, de transformar sonhos em realidade”. “Éramos um país de descrentes” (pág. 122).

As lutas fratricidas continuavam. “A humanidade será sempre assim! — refletia Urbano. — Será preciso que haja uma voz, na hora dos conflitos, lembrando ao homem, na sua loucura, que está ferindo seu próprio irmão!” (pág. 251). Nesse ponto, Teodorico e Pedrinho, ignorando ser irmãos e travando uma luta de morte, são o símbolo do povo brasileiro. Urbano dizia: “Pois é; vocês são irmãos. Perdoem-me porque lhes contei tão tarde. Ninguém mata um irmão, sabendo que é irmão. Sob nenhum pretexto” (pág. 279). Alguém como Urbano deveria gritar, aos quatro cantos do Brasil, que todos, de norte a sul, de leste a oeste, somos irmãos, não podendo, portanto, continuar nos matando impiedosamente.

A revolução armada trazia a desgraça aos lares brasileiros, como *O Cavaleiro de Itararé*, cuja lenda o Tenente Gilberto conheceu nos sertões. No entanto, o povo não tinha consciência disso e esperava que dela re-

sultassem paz e progresso. Era necessário então que esse mito fosse destruído, assim como o fantasma do *Cavaleiro*. “Um dia” — repetiam os sertanejos — “a assombração será desencantada, porque muita gente verá o cavaleiro invisível” (pág. 215). A assombração da revolução armada também seria desencantada, porque muita gente conheceria a sua triste realidade, que era, por enquanto, um “cavaleiro invisível”. O Tenente Gilberto, que participara das revoluções, pensava “na inutilidade de todos os esforços”. Naquele tempo “acreditava combater por um ideal fácil; e, agora, tudo se complicara, mostrando-lhe que a luta não era de fuzil e metralha...” (pág. 215).

Plínio Salgado então opõe, a essa revolução sem rumo, uma outra, de rumos nítidos e definidos, a revolução espiritual, no interior de cada um, pregando a união de todos os brasileiros em torno de um ideal — a grandeza da Pátria alicerçada no valor moral de seus filhos.

Esse é o tema de *O Cavaleiro de Itararé*.

CONCLUSÃO

Os romances de Plínio Salgado constituem uma trilogia, um tríptico perfeito, pois desenvolvem uma linha de pensamento que não se apreenderá na sua totalidade com a leitura de um só livro.

Depois de estudar, em *O Estrangeiro*, o problema mais importante de um povo ainda não definido etnicamente, como é o nosso, isto é, o processo da miscigenação, concluindo que o seu produto será psicologicamente brasileiro, passa a outro, em *O Esperado*, e em *O Cavaleiro de Itararé*, à observação do caráter social, político, moral e espiritual desse povo. Defende e prega, em *O Esperado*, a fé em Deus, em *O Cavaleiro de Itararé*, a crença no Espírito.

Por isso, as idéias fundamentais da trilogia são: patriotismo, nacionalismo, espiritualismo e conseqüente-

mente o combate ao materialismo e ao comunismo. A trilogia de Plínio Salgado nasce em função desses princípios, que são nele convicção absoluta e que orientam a sua vida e o seu pensamento. Vê-se nos romances tudo o que o escritor sempre pensou e disse.

Desenvolvendo aquelas idéias fundamentais, temos: sentimento de tradição, culto ao passado e à história, amor à terra que foi dos nossos antepassados, é nossa e será dos nossos vindouros, preocupação com o futuro da Pátria, esperança na grandeza do Brasil e sentido de luta pela construção dessa grandeza; crença em Deus e na alma imortal, e certeza de que essa crença deve orientar a vida do Homem.

Em *O Estrangeiro* encontramos uma definição poética de Pátria que, por sua beleza e originalidade, vale a pena repetir aqui: "Pátria é a voz do País saindo pela boca do Homem" (pág. 33). "É um misterioso idioma que se conversa com a terra e com as estrelas. Só o entende quem sofreu e sentiu, no país, teatro de sua vida, debaixo dos astros, confidentes do seu coração" (pág. 70).

Plínio Salgado se mostra apreensivo e angustiado com a sociedade moderna em decomposição, materialista, agnóstica, dominada pela ambição, sem noção da caridade cristã, da responsabilidade pessoal e do cumprimento dos deveres (porque estamos no século da reivindicação dos direitos), inteiramente desprovida do sentimento de Pátria. Nessa sociedade, em nome da

liberdade, os ricos exploram os pobres, os fortes oprimem os fracos, atentando contra a dignidade do Homem, contra a intangibilidade da pessoa humana, que Deus criou livre.

Mas, a verificação desses males não determina em Plínio Salgado uma atitude pessimista e descrente. Pelo contrário, ele acredita ainda nas reservas morais da sociedade e espera o seu reerguimento total. E não se limita a fixar em sua obra o resultado de sua observação, mas apresenta soluções para os nossos problemas. Seus romances não formam, pois, uma obra de ficção com objetivo puramente literário, mas a expressão da sua ideologia, da sua constante preocupação com o povo brasileiro, do seu estudo dos problemas nacionais. São romances que trazem uma mensagem.

Como todo legítimo artista deve ser, Plínio Salgado é o "médium das intenções de seu tempo" (1).

Na sociedade complexa e tumultuária focalizada pelo autor, aparecem os literatos inteiramente alheios à vida da Pátria (2): em *O Estrangeiro*, Eugênio Fortes, em *O Cavaleiro de Itararé*, Japiassú e todos os escritores que não deram atenção a Maranduba, criador de uma doutrina nacionalista. A "literatura nacional" era representada por uma corte de vaniloquos, por uma "fauna de inúteis, de rendilhadores de frases, de assíduos freqüentadores das letras francesas, cheios de arrebiques, de vaidades fúteis, de sonhos irreais" (pág. 147). Com muita razão dizia Gruber, o propugnador da

anulação de todos os valores humanos, que essa literatura tinha a vantagem de não perturbar a "marcha social", pois os escritores, se quisessem, poderiam, ao contrário do que se verificava, influir na vida de uma Nação, interpretando os seus problemas e esclarecendo o povo no sentido de sua melhor solução, a ponto de mudar o ritmo da vida. Plínio Salgado, nos três romances, acentua, censurando, a existência desses literatos vazios e aéreos, porque, para ele, a literatura tem um papel importante a desempenhar na época atual: "Que quero eu saber do que fomos, ou do que sere-mos? — pergunta Eugênio Fortes. — Amo o momen-to que passa, a imagem efêmera e o instante como-cional. Ao artista interessa, apenas, a face transitória da Vida...

— Não, reconvinha Juvêncio, a Arte deve ter uma função civilizadora; não pode ser apenas uma conse-quência do ambiente, mas uma força, nas mãos do Homem, dirigindo os homens" (*O Estrangeiro*, pág. 134).

Acha Andrade Muricy que Plínio Salgado não exi-giria "a definitiva incorporação do intelectual na vida política sem que isso correspondesse, nele, à poderosa intuição do seu destino pessoal" ⁽³⁾. "O homem atra-vesta uma fase integralmente política da humanidade", diz Mário de Andrade. "Nunca jamais ele foi tão "mo-mentâneo" como agora. Os abstencionismos e os valo-res eternos podem ficar para depois. E apesar da nossa

atualidade, da nossa nacionalidade, da nossa universa-lidade, uma coisa não ajudamos verdadeiramente, du-ma coisa não participamos: o melhoramento político-social do homem. E esta é a essência mesma da nossa idade. Se de alguma coisa pode valer o meu desgosto, a insatisfação que eu me causo, que os outros não sentem assim na beira do caminho, espiando a multidão pas-sar. Façam ou se recusem a fazer arte, ciências, ofícios. Mas não fiquem apenas nisto, espiões da vida, espiando a multidão passar. Marchem com as multidões" ⁽⁴⁾.

Por esse testemunho de Mário de Andrade podemos aquilatar o valor de Plínio Salgado, que marchou com as multidões, obedecendo a um só pensamento — a grandeza espiritual, moral e material do Brasil e dos brasileiros. Esse pensamento está em gênese na primeira fase de sua atividade, a fase romancística, de 1926 a 1932, definindo-se num sentido de realização prática e política, no mesmo ano de 1932, com o *Manifesto Integralista*, quando inicia a segunda fase, que é pro-priamente a ação política e doutrinária ⁽⁵⁾.

Conclui-se daí que é impossível compreender o ro-mance se não o articularmos à filosofia e ação política do autor.

"Se o modernismo, no Brasil — diz José Osório de Oliveira — foi nacionalismo, em nenhum escritor o terá sido tão profundamente como naquele que, da fundação, com Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia, do movimento "verde e amarelo", chegou não só à

doutrinação, mas à ação política de finalidade nacionalista, preconizando uma Revolução. Literariamente, essa preocupação quase exclusiva do seu espírito, nascida de uma insofismável angústia pelo destino do Brasil, teve a sua expressão mais alta nas *CRÔNICAS DA VIDA BRASILEIRA*, trilogia de romances-poemas em que passa um sopro épico. O primeiro desses romances, *O Estrangeiro*, aparecido em 1926, constitui um acontecimento literário, revolucionando a estética do gênero e as próprias regras da composição em prosa" (6). E, no dizer de Andrade Muricy, foi "o primeiro romance moderno marcante" (7).

Vejam: "aquela preocupação com o destino do Brasil, a que se refere José Osório de Oliveira, está clara em Juvêncio, de *O Estrangeiro*, em Urbano e em Maranduba, de *O Cavaleiro de Itararé*. Urbano achava que "do Brasil deveria nascer uma civilização nova" (pág. 102). "Maranduba sofria a grande aflição que consistia na procura dessa consciência perfeita da vida, que o Brasil poderia revelar porque era o único trecho do planeta em condições de o fazer" (pág. 88).

"É preciso fé, dizia Maranduba. É preciso coragem, otimismo, força de afirmação do Homem, confiança na Pátria, certeza num futuro melhor. Apelo para as forças obscuras da "unidade criadora", que está vigilante sobre as complexidades" (pág. 127).

De Juvêncio ouvimos a profissão de fé, preludiando arrancadas de "novas bandeiras": — "Hei de levantar a

legião luminosa, de espírito virgem como as florestas. Novas Bandeiras que fixarão os limites do país. . ."

Evidencia-se nessas palavras a confiança no valor potencial do Brasil, nas suas possibilidades de vir a ser uma grande Nação: "Eu tenho fé no Brasil", diz mais claramente Juvêncio.

Fé justa, não utópica, porquanto um povo, com o crédito dos feitos épicos das Bandeiras, que romperam os estreitos limites impostos por convenções arbitrárias, para levar, até quase às margens do Pacífico, as nossas fronteiras físicas, faz jus àquela fé e é capaz de reeditar aquelas façanhas, agora para definir e fixar as lindes morais e espirituais da Pátria.

Fé justa, repito, porque um povo, sem preconceito de raça, de cor, nem de religião (não obstante ser o Brasil a maior Nação latino-católica do universo), não criaria ambiente para a vitória de idéias exóticas, alienígenas, contrárias à nossa formação espiritual — o totalitarismo vermelho: "As instituições americanas repousam na rocha viva dos direitos do Homem. Quando desabar o dilúvio russo, as suas últimas ondas virão morrer aqui, de encontro a estas paredes da Imigração, onde há um dístico à maneira de sentença, a encimar um arco de triunfo. E a América, então, reconstruirá o que estiver destruído no mundo" (*O Estrangeiro*, pág. 15).

Mas, para compreendermos bem a linha ideológica de Plínio Salgado, precisamos acompanhá-lo desde a sua atuação na revolução literária iniciada em 1922.

*

* *

Em 1922, a Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo, definiu o novo espírito que se vinha formando lentamente, isto é, o espírito de compreensão da necessidade de uma revolução literária. Diz Menotti del Picchia: "Nós não sabíamos com exatidão o que queríamos. Havia uma saturação de formalismo. Era necessário mudar tudo. Começar uma revolução. Procurar a nossa verdade, que nós andávamos soterrando debaixo de montanha construída por um passado europeu, para encontrarmos o que exprime os anseios do nosso povo. O método tinha que ser, fundamentalmente, revolução na técnica. A paisagem cultural havia mudado. Era necessário encontrar uma língua que exprimisse esse estado novo" (9).

Na verdade, o primeiro aspecto da revolução modernista foi este apontado por Menotti: técnico. Necessitava-se de uma arte nova, de um estilo diferente, de outras formas, de outros ritmos, para se exprimir a vida presente, que, mais dinâmica e tumultuária, repelia a "arte de convenção, de fórmulas feitas, clássicas, parnasianas" (9). O problema era, então, atualizar a literatura. É Menotti del Picchia ainda quem diz: — "Percebeu-se, então, vagamente, que havia uma ausên-

cia de paralelismo entre as expressões da nossa arte e a realidade do nosso ser. A forma clássica, acadêmica e solene não correspondia à índole bárbara da pátria nova, cuja fisionomia original era refalsada pelos traços forasteiros com que a deformava nossa literatura" (10). Por isso, a primeira atividade dos modernistas foi destruir as velhas formas, esquecer os velhos temas, que não exprimiam o Brasil nem as necessidades, as características e o espírito do nosso povo... Queriam eles fazer literatura em função da realidade brasileira. Realidade que já vinha sendo percebida por Monteiro Lobato, Sílvio Romero, Alberto Torres, Oliveira Vianna, Ronald de Carvalho e outros.

Ora, na década de 1910 a 1920 se havia formado a consciência do conflito entre a realidade nacional e a eclosão da transformação espiritual que se processava, nos meios intelectuais brasileiros, desde o início do século.

Um dos primeiros a atentar para o artificialismo dos nossos intelectuais foi Euclides da Cunha. Em 1915, Afonso Arinos já se refere à "alma da raça", que ia ser, mais tarde, o valor espiritual tão procurado e celebrado pelos modernistas. Aconselha os brasileiros a esquecerem a Europa e a procurarem se conhecer um pouco, porque não havia ninguém mais ignorante de si mesmo do que o brasileiro. Ronald de Carvalho também, em 1919, fala no "artifício da nossa existência social", "na necessidade do estudo direto do Brasil",

numa “arte livre de quaisquer preconceitos e que reflita o nosso tumulto nacional”, pondo a nossa inteligência “em contacto com as forças motrizes do nosso ambiente cósmico”. Ele vê o conflito da nossa cultura artificial com a nossa realidade complexa: povo em formação, “terras imensas, despovoadas, conflitos de interesses econômicos entre vários dos grupos humanos que habitam os nossos Estados, instabilidade da fortuna pública, falta de espírito de coesão, desconhecimento das exigências da coletividade”. A geração moderna tem, então, de criar “uma arte direta, pura, enraizada profundamente na estrutura nacional, uma arte que fixe todo o nosso tumulto de povo em gestação”. E concluiu: “O erro primordial das nossas elites, até agora, foi aplicar ao Brasil, artificialmente, a lição européia” ⁽¹¹⁾.

A literatura dominante na época, com o mesmo espírito do século XIX, — mais europeu do que brasileiro —, dava uma idéia falsa do Brasil. Estava impregnada de influências européias, principalmente francesas, excessivamente preocupada com a beleza de estilo, e, com poucas exceções, alheia à vida nacional. Os modernistas perceberam, então, que o artista tem de trazer a marca do seu tempo e de sua terra. Tomar consciência da realidade brasileira tornou-se obsessão no século XX, chegando-se até a falar na “língua brasileira”, para cortarmos as últimas amarras que nos prendiam a Portugal. A nova geração agitava-se na ânsia de liber-

dade, de independência e de originalidade total. Daí o caráter iconoclasta do movimento.

Essa primeira fase do modernismo é a que se chama de anarquismo. Seus componentes destruíram, fizeram palhaçada, anarquizaram tudo, escandalizaram os leitores, procurando despertar a sociedade brasileira do indiferentismo cômodo. Mas não realizaram nada de concreto, não renovaram a literatura, porque não colocaram nada no lugar do que foi destruído, não substituíram os elementos devastados. Desse modo, a revolução que queria ser essencialmente brasileira, reagindo contra o adventício, estava seguindo os moldes europeus.

Havia, porém, entre os próprios realizadores da Semana de Arte Moderna, espíritos com intenção de construir. Eram Plínio Salgado, Menotti del Picchia, Motta Filho e Cassiano Ricardo, que fundaram o movimento “verde-amarelista”, cujo nome foi inspirado nas cores da Bandeira Brasileira. Os modernistas haviam percebido que a literatura vigente não estava de acordo com a nossa realidade. Os verde-amarelistas vão, agora, procurar e revelar essa realidade aos brasileiros. O seu programa constava da “ressurreição do espírito nativo, o nativismo como tal, o homem e as coisas do Brasil, história, lendas, folclore, costumes e tradições brasileiras” ⁽¹²⁾. Sua finalidade era abrigar a literatura. — “Queríamos”, diz Cassiano Ricardo no *Manifesto Verde-Amarelo*, “uma arte que tivesse Pátria: ou melhor, uma arte que, para adquirir o seu maior

sentido humano e universal, realizasse aquele pensamento de Gide, que Maritain (um católico) reproduz em sua *"Arte Escolástica"*: "toda obra de arte será tanto mais universal quanto mais refletir o sinal da Pátria".

O movimento assume, por conseguinte, um caráter nacionalista, bastante compreensível num país em formação, como o Brasil, que há muito tempo está procurando construir a sua nacionalidade ⁽¹³⁾.

No entanto, Plínio Salgado, que já havia rompido com os modernistas, porque eles "se desviavam do rumo de uma revolução necessária", desligou-se também do "verde-amarelismo", que "estacionava num nacionalismo demasiadamente exterior e pictórico". Plínio Salgado achava necessário um nacionalismo "interior" e "intuitivo", nascido da profunda união entre o homem e a terra. Para ele era pouco aquele nacionalismo superficial e, por isso, se integra profundamente no sentimento de brasilidade, procurando sua origem, suas bases fundamentais, descobrindo e interpretando o espírito da raça, estendendo suas pesquisas para o campo étnico-social. "Nos princípios de 1917, diz ele, ouvindo falar em novas conspirações militares, eu previa para nossa Pátria um período agitado de dor e de sangue, que só terminaria quando a Nação fosse despertada por uma juventude cuja consciência deveria ser longamente preparada. Penetrar as raízes da alma nacional era o primeiro passo de um obscuro e longo caminho a

percorrer, até que chegasse o dia do toque a reunir" ⁽¹⁴⁾. E essas raízes ele foi encontrar nos primeiros habitantes do Brasil, nos índios. Por isso fundou, juntamente com Raul Bopp, o movimento chamado "Revolução da Anta", o mais próximo precursor do Integralismo, conforme se deduz das palavras do próprio autor, citadas acima.

Sua atividade não era mais apenas literária, mas social, e uma preparação para a política ⁽¹⁵⁾. Compreendeu Plínio Salgado que a tomada de consciência da nossa realidade não devia renovar só a literatura, mas efetuar uma revolução total no Brasil. Nossa estrutura social, política e espiritual também precisava ser mudada, porque até aquela ocasião não tínhamos feito outra coisa senão imitar, em tudo, a Europa. Vai ele, então, prosseguir o trabalho delineado por Alberto Torres, Oliveira Vianna e Jackson de Figueiredo.

Antes, porém, vejamos o que foi a "Revolução da Anta".

O nome originou-se da conferência, "A Anta e o Curupira", pronunciada por Plínio Salgado, em 1926, no salão nobre do "Correio Paulistano", numa festa a ele oferecida pelo êxito do seu romance *O Estrangeiro*. Nessa conferência está toda a concepção pliniana do modernismo. Acha ele que, para sermos modernos, temos de ser anticosmopolistas e apenas o produto do nosso ambiente: de "mil pequenos incidentes ou fatores, que, tudo resumido, quer dizer simplesmente:

"Nacionalidade" ⁽¹⁶⁾. Ser anticosmopolita não significa ser anti-universal. Pelo contrário. Nós seremos mais universais quanto mais formos nós mesmos, contribuindo com a nossa personalidade para o todo humano.

Entretanto, "crentes de todas as filosofias estrangeiras e fanáticos pelas ideologias exóticas e sugestões de outros climas", "preocupações com as conclusões dos europeus, assentamos que o maior vexame a que nos poderão expor é o dizerem que não somos uma raça absolutamente ariana" (págs. 35, 39). Ora, o conceito de superioridade ou inferioridade entre os povos não tem razão de ser. Eles são diferentes, nada mais. E é na diferença que está a realidade de uma Pátria ⁽¹⁷⁾. A nossa realidade se inicia quando o Brasil foi descoberto, com os índios, entre os quais se encontra a chave da alma nacional. Portanto, é aqui mesmo, em contacto com a nossa terra, que temos de formar a cultura brasileira, "exclusivamente brasileira" ⁽¹⁸⁾. E nós temos elementos para isso.

Enquanto o modernismo europeu "é puramente ânsia de expressão nova" ⁽¹⁹⁾, enquanto cria novas formas, novos temas e ritmos, e procura libertar-se do passado, porque a Europa já está velha, cansada, e precisa rejuvenescer-se, aqui é diferente. Os modernistas brasileiros não têm de criar nada, inventar nada, para renovar a literatura ⁽²⁰⁾; basta exprimirem "o que há de efetivo em nós mesmos" ⁽²⁴⁾. O Brasil não precisa

libertar-se do passado, desconhecido ainda. Não pode pensar em rejuvenescer-se, porque é novo.

Nisso constituiu o erro dos primeiros modernistas, que pretendiam destruir e anular o passado, esquecendo-se de que o presente projeta o futuro ao mesmo tempo que é o reflexo do passado. As três épocas se interpenetram e não podem ser desligadas. O artista não pode prescindir da experiência acumulada pelo passado ⁽²³⁾.

Portanto, mostrar o que somos na realidade seria fazer literatura nova. "Com o ser apenas nacionais, profundamente brasileiros, diz Plínio Salgado, teremos ultrapassado tudo o que se tem feito ultimamente na Europa" (pág. 49). E, para sermos brasileiros, precisamos ressuscitar o passado, repondo o índio no seu tempo e espaço. Porque é na origem tupi que está a dessemelhança que caracteriza a nossa realidade ⁽²³⁾. Por conseguinte, é dos elementos tupis que a geração nova deve utilizar-se para se opor à literatura cosmopolita, ao espírito internacionalista. Plínio Salgado diz que "há mais ensinamentos de modernidade do estilo, de concepção absolutamente inédita da arte, numa simples palavra tupi do que num manifesto de Marinetti, numa arenga ultraísta, num panfleto Dadá, ou ultimamente, numa razão dos surrealistas" (pág. 49). Cita, para exemplificar, "turuna", corruptela de "ibituruna", correspondente aos já inexpressivos adjetivos: "brilhante", "talentoso", "eminente", "prestigioso".

"Ibituruna" significa "montanha negra", isto é, "uma serra que se destaca das cordilheiras" (pág. 42), montanha que projeta sombra. — "O que eu quero frisar", diz ele, "é a situação em que nos encontramos, em face de todas as outras línguas, dispondo, como dispomos, de palavras mal brotadas do contacto entre o homem e a terra, com caracteres onomatopaicos ou sínteses de impressões numerosas, portanto, dinâmicas e vivas, em contraste com aquelas oriundas de analogias verbais ou convenções assentadas em acepções clássicas..." (idem).

Para a afirmação do homem brasileiro, o "Curupira", que é a própria "alma nacional", "há de descer um dia do sertão", invadindo as cidades montado na Anta, "seu cavalo e totem da raça tupi", efetuando "a grande revolução do pensamento nacional, de que somos pobres batedores, destinados ao sacrifício", diz o conferencista. "Só então", continua, "será proclamada a nossa independência mental, já claramente esboçada, e teremos uma arte humana e universal, possuindo uma política brasileira, com raízes profundas na terra americana ⁽²⁴⁾ e na alma da Pátria" (pág. 51). (Está clara nestas palavras a direção política seguida por Plínio Salgado alguns anos mais tarde.)

O conferencista, entretanto, não está propondo um novo indianismo, semelhante ao romântico; não está aconselhando o estacionamento no índio, nem afirmando que o elemento a predominar na futura raça brasileira é o indígena, conforme entendeu o Sr. Rodri-

go M. F. de Andrade ⁽²⁵⁾. "É claro", diz Plínio Salgado, "que não sugiro voltemos exclusivamente ao tupi: mas quero significar quanto nos afastaremos da Humanidade, afastando-nos da nacionalidade" (pág. 50). Ele está apenas atribuindo ao índio o seu verdadeiro valor, pois lhe devemos a nossa unidade nacional, o nosso gênio, "a um tempo dócil e meigo; intemerato e agressivo, acolhedor do estrangeiro, mas rebelado aos seus menores gestos de domínio" (pág. 38). A raça indígena está viva nas nossas lendas, nos nomes das cidades e dos rios, na língua, "nas danças originais brasileiras, em que o cateretê se infiltrou modificando até os saracoteios africanos" (pág. 38). Portanto, é o espírito indígena, autenticamente brasileiro, que deve informar a nossa futura raça, porque, do contrário, teremos o produto da miscigenação das diversas raças européias, aqui radicadas, e não uma raça brasileira. E o imigrante que vier com tendências internacionais e não se deixar infiltrar pela magia daquele espírito será sempre um alienígena, como Ivã, a personagem do romance chamado, por aquele motivo, *O Estrangeiro*.

*

* *

O Estrangeiro foi a profissão de fé nacionalista de seu autor ⁽²⁶⁾.

Plínio Salgado foi o escritor que realizou totalmente o espírito animador da Semana de Arte Moderna, porque pugnou pela nacionalização integral do Brasil: na

literatura, no espírito e nos costumes do povo, na cultura e na política.

Nos três romances ele estuda com pormenores o estado de angústia da multidão, que não sabe por que sofre, situação que atingiu o ápice da década de 20 a 30, com as revoluções políticas.

O primeiro aspecto observado pelo autor foi o abandono dos municípios, oprimidos pelas oligarquias estaduais. Não havia partidos que traduzissem a vontade e os anseios do povo e procurassem solucionar os seus problemas: "Juvêncio comparava Mandaguari a uma célula em cuja enfermidade surpreendia a doença de um organismo.

Tudo se acomodava aos interesses de cada qual.

Os cidadãos submetiam-se servilmente às injunções do Diretório e este aos caprichos dos chefes regionais.

O Estado era, assim, dividido em feudos, com senhores barões mandantes de assassinios" (pág. 71).

Isso tudo Plínio Salgado vem percebendo desde 1918, quando fundou o Partido Municipalista, que se estendeu por todo o norte de São Paulo (v. biografia).

O segundo aspecto foi o descontentamento geral: os operários reclamavam contra o salário e faziam greve, o povo estava revoltado contra o governo e a carestia da vida, julgando que o voto secreto resolveria tudo. E o voto secreto foi a bandeira que os revolucionários acenaram ao povo confiante, como se vê

nos romances: "Sem voto secreto e eleições verdadeiras nada se pode fazer", diz o Major Feliciano, de *O Estrangeiro* (pág. 92). Gomes de Barros, de *O Esperado*, acreditava que o "voto secreto e a república parlamentar salvariam o país" (pág. 82). Todos esperavam alguém para nos salvar e procuravam, por meio das revoluções e do voto secreto, acertar na escolha ⁽²⁷⁾.

Plínio Salgado, entretanto, sabia que a crise brasileira não se resolveria assim tão facilmente. Ele, que preconizou uma revolução nos processos educativos do povo brasileiro, com o Integralismo, não podia aceitar a crença messiânica das personagens de *O Esperado*, nem a idéia de que se salvaria a Pátria "mediante simples revolução de quadros, simples mudança de homens" ⁽²⁸⁾, como acreditava a sociedade brasileira até 1930, de *O Cavaleiro de Itararé*.

Em 1930 mudou-se o homem no governo. Ele e seus aliados "apresentavam-se à Nação como "os puritanos da Pátria", portanto, como os seus salvadores. Entretanto os problemas nacionais não foram "estudados na sua complexidade e nas suas profundas raízes, criando-se, apenas, o mito da "moralidade administrativa" ⁽²⁹⁾. E a situação não melhorou. Ao contrário, agravou-se grandemente, tornando-se verdadeiramente calamitosa, moral, política e economicamente.

Isto, porque toda revolução vitoriosa sem um corpo de doutrinas, de princípios e de objetivos, sem sólida base de ordem social, é uma revolução frustrada, pois

"a nova política será obrigada a manejar, em defesa própria, os mesmos recursos dos governos combatidos", proclamava Plínio Salgado. E dizia mais: "A desordem social é um sintoma de enfermidade social. Quando um país entra em anarquia, quando se multiplicam os distúrbios, quando proliferam os descontentamentos, os brados de rebeldia e as atitudes de desespero, cumpre examinar o quadro social, o valor e a disposição das forças econômicas, numa palavra, as causas da arritmia dos movimentos sociais, das superexcitações nervosas das multidões" ⁽³⁰⁾. Por isso, "não será com os "caudilhos", continua, os "profetas", os homens isolados, que resolveremos o problema nacional, e sim com o esforço para criar a ordem no Pensamento e no Sentimento brasileiro, dentro da qual poderão surgir os homens necessários ao governo do país" ⁽³¹⁾. Necessitava-se, por conseguinte, de uma revolução espiritual e cultural, de uma revolução nas "almas", e não de "armas", uma vez que a nossa crise era, antes de tudo, moral.

Foi essa a revolução que Plínio Salgado iniciou com o Integralismo, definido em 1932 (v. *Manifesto de Outubro*), mas, desde 1926, em gênese no seu espírito, quando, com *O Estrangeiro*, se lançou ao romance moderno.

Sua opinião, suas sugestões e seus planos estão tão claros na trilogia romancística, principalmente nas palavras de Urbano e de Maranduba, as duas personagens que têm o dom de vislumbrar a alma dos nossos pro-

blemas, que até se torna fácil e agradável a tarefa de interpretar a mensagem ali expendida.

Todo artista deve transmitir uma mensagem. E nenhuma outra seria tão atual e tão necessária naqueles anos, revolucionários e pós-revolucionários, como a de Plínio Salgado.

Desde 1922, com a queda dos "18 de Copacabana", Urbano via que "o exército agitava-se inconscientemente" (*O Cavaleiro de Itararé*, pág. 103), e "não sabia" o que fazer, pois "só aprendera a derrubar", traduzindo o "imenso caos da alma brasileira, mantido nas frágeis comportas de uma ordem política precária" (pág. 103). O cadete, raciocinando, perguntava a si mesmo: "Que deveria fazer o Exército, não simplesmente contra Bernardes ou Epitácio, mas como energia nacional?" (idem, pág. 104). Porque o problema brasileiro era muito mais profundo e transcendental do que a troca de homens no poder ou, melhor, de nomes, pois os homens eram iguais e um continuaria o governo vazio e artificial do outro. E Urbano conclui seu raciocínio com a idéia da necessidade de "acordar uma consciência de marcha, uma inspiração de caminho. Abrir os olhos para a compreensão do grande drama" (pág. 105). Por isso não entrou na revolução de 30, julgando-a, também, "cega e sem objetivo", apenas com a "utilidade de agravar todos os males" (pág. 139).

Ter consciência do mal que nos aflige era o primeiro passo a se dar no Brasil. Depois, encontrar um objetivo

para a marcha. Dar ao homem, diz Maranduba, “destinação na batalha perene; engendrar o ritmo de luta, convocar a juventude e cometer a vigília sem trêguas; imprimir um sentido de combate glorioso ao terra-a-terra das mentalidades contingentes” (pág. 179).

Urgia uma revolução espiritual que partisse do interior do homem, que transformasse primeiramente cada um em particular, porque todos unidos formariam uma sociedade sã e consciente de seus deveres e direitos, de onde sairiam homens de escol para os cargos administrativos da Nação. “Não é o ritmo exterior”, dizia Maranduba, “que destrói o homem; é a ausência do ritmo interior” (pág. 52). Plínio Salgado procura despertar a parte espiritual da pessoa humana e clama, pela boca dessa personagem fictícia, Maranduba, que “no fundo do homem reside o Homem” (pág. 239), com o poder de intervir na marcha dos tempos e mudar o ritmo da história pela força do espírito, enquanto o homem (com *h* minúsculo), é escravo dos instintos e “das revoluções obedientes ao determinismo materialista”.

O autor, assim, reivindica para o espírito, esquecido pelos povos, toda a consideração que lhe é devida, uma vez que as correntes filosóficas, desde o século XVIII, encaram apenas o homem animal, econômico e cívico, apenas fragmentos da Verdade. Cada uma dessas partes, em si, é verdadeira, mas não constitui a Verdade, que é

integral e absoluta, abrangendo todas as partes num todo — animal, econômica, cívica e espiritual.

Ao espírito, Maranduba dá o nome de “energia essencial”, implícita no Homem e que nós não vemos, mas existe. “Olhe para dentro”, aconselha ele a Gruber, que, dentro do automóvel, vira-se enganado pelo jogo dos vidros, os quais lhe davam a impressão ora de estar chovendo, ora de estar brilhando um sol magnífico etc... Não são verdades só as coisas visíveis exteriormente aos olhos físicos. A Verdade inclui também o que existe dentro de nós — o Espírito.

Esse é o conceito do homem integral, fundamento da doutrina de Plínio Salgado, chamada, por esse motivo, Integralismo.

Contudo, após a transformação interior de cada pessoa, era necessário ainda criar-se a unidade de sentimento, de pensamento, e a consciência nacional, pois faltava ao Brasil a “íntima comunhão dos homens, de que resulta a consciência criadora das formas definitivas” (*O Estrangeiro*, pág. 35).

A idéia da unidade territorial aparece nas lições de Adelina, em *O Cavaleiro de Itararé*, a seus alunos. Mostrando-lhes o mapa do Brasil, dizia: “Tudo isso é a nossa Pátria, que devemos amar porque é bela e rica.

— E a ilha (de Fernando de Noronha), também é o Brasil?

— Sim, é um pedaço da Pátria” (pág. 232).

A nacionalidade tinha de definir-se, conscientizar-se, como tão bem compreendeu Juvêncio, que queria trabalhar “pela criação da Pátria integral, com sua consciência própria, sua aspiração, seu tipo definido” (pág. 67). Essas palavras, de 1926, já evidenciam, claramente, o pensamento integralista de Plínio Salgado e o rumo tomado por ele em 1932, essencialmente político ⁽³²⁾. Assim é que Juvêncio, “lutando contra a absorção e o desaparecimento da Pátria”, foi considerado, por Heitor Marçal, “o primeiro integralista do Brasil” ⁽³³⁾.

Era preciso incentivar, no coração do povo brasileiro, o amor à terra, à bandeira e ao hino nacional, que Maranduba percebe ser cantado apenas com os lábios, sem alma, sem emoção, como se fosse tocado por um realejo, porque o coração estava mudo. O nosso “ouvirem do Ipiranga”, “vinha de fora para dentro, nunca do íntimo das almas” (pág. 86).

*

* *

As idéias de Plínio Salgado não se confinam no âmbito nacional. Ele se preocupa, também, com a nossa posição e a nossa atitude diante das outras pátrias, que deve ser atitude de solidariedade e fraternidade. “As pátrias são recipientes da humanidade; como geografia e como personalidade diversificam-se; como espírito devem realizar a comunhão universal” (*O Cavaleiro de Itararé*, pág. 84). Pela boca de Maranduba, um de seus

porta-vozes nessa trilogia que estamos estudando, Plínio Salgado faz uma comparação para elucidar o seu ponto de vista: “Acredito em cada instrumento de uma orquestra, nas diferenciações das partituras, sem renegar a unidade do volume orquestral. A humanidade deve ser uma orquestra afinada” (pág. 88). Por isso, através da consciência nacional que as individualiza, cada pátria deve ser grande, a fim de concorrer para a grandeza do Universo.

Nos romances já se antevê a posição de Plínio Salgado diante das doutrinas modernas, posição que iria orientá-lo na organização de sua doutrina, totalmente oposta àquelas. Ele combate o *liberalismo*, que coloca, acima do Homem, a liberdade, e que, dominante no século XX, é incoerente, pois, abstraindo-se da Criação, toma conhecimento apenas da liberdade, como se ela — a Criatura — não fosse o sujeito agente da própria liberdade; como se não fora aquele — o Homem — o substantivo máximo, e aquela — a liberdade — o seu maior atributo, o maior dentre os adjetivos que o qualificam como imagem e semelhança do Criador. Isso porque, em consequência dessa concepção unilateral ou mutilada da vida — o liberalismo —, encontramos em nossos dias o homem feito um escravo da liberdade, a qual passou a ser mero atributo do dinheiro, dirigida para o próprio esmagamento do Homem, através da fome e por todas as misérias físicas e morais da sociedade burguesa do nosso século.

Plínio Salgado combate o *socialismo* e o *coletivismo*, que endeusam a sociedade e a humanidade esquecendo-se do Homem, porquanto a humanidade é uma entidade abstrata, ao passo que este é uma realidade concreta, perceptível com a totalidade dos sentidos.

Investindo ainda o romancista contra as várias formas de totalitarismo — conseqüências dos princípios liberais, socialistas e coletivistas — que escravizam a pessoa humana ao Estado, à Raça e à Classe, Plínio Salgado anteviu, mais uma vez, o futuro da Europa e da Ásia, que hoje vemos submetidas, parcial ou totalmente, à força poderosa do domínio comunista.

“E como rompesse na Itália a chama do fascio, Floriano referiu-se a ele com um entusiasmo fogo-de-palha:

— Agora, Ivã, o comunismo encontrou gente pela proa.

— É o prelúdio da vitória da extrema-esquerda — respondia Ivã com o seu individualismo satânico. — Os governos ditatoriais e absorventes da personalidade humana criam o maior perigo à sua própria estabilidade: a montanha de gelo das unanimidades, pronta a desabar, quando aparecer o sol, que chamaremos Lênin, ou um caudilho qualquer” (*O Estrangeiro*, pág. 118).

*

* *

Estabelecendo, agora, os pontos fundamentais da linha ideológica do autor que estamos estudando, temos

uma trilogia como os romances: o *HOMEM INTEGRAL*, em *O Cavaleiro de Itararé*, a *NAÇÃO*, de modo particular, em *O Estrangeiro* e em *O Cavaleiro de Itararé*, e *DEUS*, como orientador dos dois primeiros, especialmente em *O Esperado*.

As palavras iniciais do Manifesto que, em 1932, definiu este pensamento, era justo que fossem: “Deus dirige os destinos dos povos”, pois para Plínio Salgado o Homem está acima da liberdade, da sociedade, da humanidade e do Estado. Só Deus está acima dele.

As divisões básicas deste Manifesto são: o Homem, a Família, o Município, a Nação e o Estado.

O Homem foi concebido integralmente, como já está patente nos romances, um ser criado à imagem e semelhança de Deus, para um fim. Portanto, nada pode impedi-lo de procurar alcançar esse fim para o qual foi criado. E, sendo livre, utiliza-se de meios diversos para realizar-se. Daí, todos os homens gozarem do direito de propriedade, motivo pelo qual o capitalismo, quando baseado no egoísmo desenfreado, que aniquila esse direito, ter sido alvo, nos romances, das mais acerbadas censuras do autor.

Os homens uniram-se em Famílias, formando o primeiro grupo natural, que é livre e intangível, como seus componentes.

O Homem, para manter a si e a sua família, necessita do Trabalho livre e remunerado de acordo com as suas

necessidades. Daí a idéia do salário familiar, defendido por Plínio Salgado, idéia que encontramos no seu primeiro romance, quando Ivã socorre um operário doente, aumentando-lhe o salário para que pudesse sustentar a família numerosa.

Até aqui vimos: o Homem, a Família, a Propriedade e os Grupos de Trabalho, reunidos em algum ponto do País, com características peculiares, interesses comuns, diferentes dos interesses de outros grupos em pontos diversos. É o Município, autônomo como os grupos que o compõem. Plínio Salgado foi o primeiro pensador, na República, que bem situou o problema do municipalismo na estrutura política do estado brasileiro. Quando abordou este assunto na sua obra de romancista, já trazia uma experiência política que nenhum homem público de nossa terra ainda tivera, pois, como já vimos anteriormente, o autor de *O Estrangeiro*, em 1918, fundara o Partido Municipalista, visando o fortalecimento do Município, célula mater da Nação Brasileira.

Quanto ao Estado, no Integralismo ele existe para servir o Homem e a Família, como o mantenedor da Ordem, interna e externa, do País, com autoridade moral suficiente e irrecusável para este mister, porque constituído de homens conscientes de seus direitos e — principalmente — de seus deveres, deveres para com Deus, para com a Pátria e para com o Povo que dirigem.

Um Povo formado dentro desse clima de cultura salvaria a Nação e proporcionaria, às Famílias, um ambiente de segurança e garantia, cessando, por conseguinte, os motivos do desespero que se documentou nos romances.

EM TORNO DE "O ROMANCE BRASILEIRO",
DE OLÍVIO MONTENEGRO

Com muita razão Gilberto Freyre, no prefácio à 1.^a edição de *O Romance Brasileiro*, censura em Olívio Montenegro o esquecimento de vários romancistas importantes. São eles: Cornélio Penna, Marques Rebelo, João Alphonsus, Afranio Peixoto, José Geraldo Vieira, Plínio Salgado, Domingos Olímpio, Cyro dos Anjos, Yan de Almeida Prado e Lima Barreto.

Na 2.^a edição, o autor incluiu Lima Barreto, Mário de Andrade, Otávio de Faria, Cornélio Penna, Lúcia Miguel Pereira, Luís Inácio de Miranda Jardim e Manoel Antonio de Almeida, os únicos que ele julgou necessário acrescentar, justificando-se, presentemente, com uma defesa do imperialismo e do subjetivismo na

crítica literária. Eis porque, admirado, pergunta Olívio Montenegro: "Será que a crítica literária não pertença à classe das artes imaginativas, e seja uma ramificação das ciências positivas, ou pelo caráter normativo de certas das suas induções uma ramificação da Moral?" (1).

Não temos preconceito em relação ao impressionismo ou ao subjetivismo no campo da crítica literária. Mas as opiniões são divergentes. E não sem razões bastante aceitáveis. Tomemos, por exemplo, a opinião de um dos mais lúcidos e operosos críticos literários, dentre os raríssimos que hoje trabalham nesta seara em nossa terra. Diz Afrânio Coutinho, numa das suas notáveis páginas das *Correntes Cruzadas*: "Em qualquer dessas figuras (William Pater, Virginia Woolf, E. M. Forster etc.) o que ressalta de logo não é o julgamento, finalidade precípua da crítica, mas uma recriação a partir da obra comentada. Começa o autor falando da obra, mas aos poucos sente-se que se vai distanciando, perdendo o contato com ela, e em seu lugar vai crescendo sua própria personalidade, sentimentos, "impressões", "um temperamento", como queria Pater. A folhas tantas, já não mais está presente a obra que motivou a digressão, mas somente o comentador. O resultado é uma segunda obra de arte, às vezes, como em várias páginas de Virginia Woolf. Mas a crítica há ali bem pouco" (2).

Realmente Olívio Montenegro pode concluir, de suas análises literárias, que a crítica pertence à classe das

artes imaginativas. Mas através do ensinamento de Afrânio Coutinho, as conclusões poderiam ser bem diversas. No primeiro caso, teríamos mais um gênero literário, ao lado do romance, da poesia, do drama, do ensaio etc. E no segundo um instrumento de compreensão e interpretação da obra estudada.

O subjetivismo, na crítica literária, a nosso ver, deve estar na interpretação do trabalho pesquisado, na contribuição pessoal do crítico, que, tendo um sentido de vida próprio, julga de acordo com esse sentido, assimilando o que encontra de bom e dando um pouco de si. E não na divagação nem na escolha arbitrária de escritores, quando se faz um estudo do romance brasileiro. Principalmente tendo Olívio Montenegro dito ser sua intenção fixar o "real das suas tendências". E ele esqueceu justamente "autores de renome que marcaram ou começam a marcar tendências significativas em nossa vida literária", conforme esclarece Gilberto Freyre.

Nada o obrigava a estudar em pormenores a obra romancística brasileira. Mas, era-lhe imprescindível tratar dos nomes que marcaram época na nossa literatura. É o caso de Plínio Salgado, que o autor de *Casa Grande e Senzala* muito bem recordou no seu prefácio. Sobre tudo tendo o crítico pernambucano dedicado um capítulo à obra de José Américo de Almeida, cujo volume, *A Bagaceira*, no dizer de Brito Broca, e de todos os que analisam sincera e honestamente a Revolução Moder-

nista, no Brasil, muito ficou a dever ao seu modelo, que foi *O Estrangeiro*, de Plínio Salgado...

A passagem de Plínio Salgado através da Semana de Arte Moderna não ficou interrompida na fronteira da arte pela arte. E porque assim agiu, Mário de Andrade, naquela melancólica tarde de 1942, no salão do Palácio do Itamarati, reconheceu o seu drama, de alheamento à vida, e proclamou aos moços que o escutavam: "Façam ou se recusem a fazer arte, ciências, ofícios. Mas não fiquem apenas nisto, espíões da vida, espionando a multidão passar. Marchem com as multidões." Criticou o celebrado criador de *Macunaima*, em diversas passagens, a Plínio Salgado. Mas temos certeza de que, ao aconselhar os jovens que ali se postavam a ouvir a sua palavra oracular, a fim de que marchassem com as multidões, estava se recordando de Plínio Salgado, que marchou com elas, e fê-las avançar sob o seu comando, na realização de um ideal. Repitamos o que diz José Osório de Oliveira: "Se o modernismo, no Brasil, foi nacionalismo, em nenhum escritor o terá sido tão profundamente como naquele que, da fundação, como Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia, do movimento "verde e amarelo", chegou não só à doutrinação, mas à ação política de finalidade nacionalista, preconizando uma Revolução."

Olívio Montenegro, estudando nos capítulos intitulados "O Romance Moderno", "José Américo de Almeida", "Mário de Andrade", o panorama modernista,

de maneira alguma poderia deixar de considerar, tanto pelo espírito como pela forma do romance, a obra ou a figura de Plínio Salgado, que, ainda segundo Brito Broca, se apresentou "como um padrão do novo ficcionismo" com *O Estrangeiro*, logo mais adiante apresentado como "o modelo do que podia ser o estilo do romance modernista" ⁽³⁾.

Não discutimos a afirmação de Olívio Montenegro, quando diz que todos os autores estudados na sua obra são "representativos de uma tendência dominante, e exprimem pelo lado da sua ficção um dos aspectos característicos da vida literária do Brasil". Aceitamo-la. E como já tivemos, na 2.^a edição de "O Romance Brasileiro", um enriquecimento apreciável, com os importantes capítulos a ela acrescentados, fica-nos a esperança de que, numa próxima edição, Olívio Montenegro, com a dignidade própria dos críticos, e que lhe é inata, a tornará mais completa ainda, com a inclusão da figura de Plínio Salgado, elemento exponencial que foi na Semana de Arte Moderna, sem querermos acentuar, aqui, toda a sua influência posterior no campo do pensamento social-religioso de nossa Pátria.

NOTAS

Biografia

1. *Falam os escritores*, de Silveira Peixoto, 1940.
2. "A propósito de uma eleição", in *Plínio Salgado*, pág. 16.
3. "Um pintor brasileiro em Paris", entrevista de 31-8-1930.
4. Oliveira Vianna, numa entrevista ao "Correio da Manhã", disse: "...esse manifesto tem a virtude de iniciar uma obra de coordenação, pois afirma, propõe, sugere já alguma coisa" (in *Plínio Salgado*, pág. 29).

Análise de *O ESTRANGEIRO*

1. Plínio Salgado: "Conceito dinâmico da arte", pág. 103, in *O Curupira e o carão*, por Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo e Plínio Salgado.
2. "A estética do futurismo... é a estética da rapidez, da velocidade, da intensidade, da extensão, do perigo, da vertigem, da força bélica, da aviação, da navegação, da locomoção ferroviária, das oficinas, dos

laboratórios, das telegrafias, enfim, de todo o múltiplo e trepidante mundo atual modernizado, mecanizado, pela ciência e pela indústria". (Carlos Chiacchio: *Modernistas e ultramodernistas*, pág. 65).

O espírito fez-se de cada vez mais veloz. A arte, para exprimi-lo, teve de se fazer veloz.

"O espírito aprendeu a ver coisas em síntese. A arte, para alcançá-lo, teve de fundir duas a duas, três a três, as suas imagens. E de procurar mais no âmago das coisas os seus ritmos". (Tasso da Silveira: *Definição do modernismo brasileiro*, pág. 95).

"...de nada valeria o belo esquema prefacial (de *O Estrangeiro*) se o autor não introvertesse na realização da obra uma onda revolta de talento, e não a fizesse exatamente como fez, numa desordem procurada e sem preocupação de forma. De tontura em tontura segue o leitor pelo livro a dentro, empolgado pela força do estilo, que é única e sem rival entre nós. Quadros há pintados como os pintaria Júpiter — a coriscos. A outros esboça o autor com tintas novas, inéditas na paleta acadêmica, audaciosíssimas". (Monteiro Lobato: "Forças Novas", in *Plínio Salgado*, pág. 256).

3. Esta idéia de Plínio Salgado não aparece só no romance, mas, também em conferências e artigos. Citei, para exemplificar, "Pelo destino do Brasil", oração lida na Rádio Educadora Paulista e publicada no "Correio Paulistano", em 1926, e no livro do próprio autor, *A quarta humanidade*, 1934. Diz ele: — "E é necessário que o brasileiro se expanda de forma que não se anulem, sob as influências cosmopolitas, as forças íntimas que estão no recesso do seu espírito e são a garantia da sua própria personalidade" (pág. 138).

4. Página: "Vida Intelectual", in "O Estado de S. Paulo", 8-1-1953.

5. Nestor Victor: *Os de hoje*, pág. 116.

6. V. Plínio Salgado: *Despertemos a Nação*, prefácio.

7. V. Motta Filho: "A razão de minha dúvida"... (conversando com Plínio Salgado), in "Correio Paulistano", 1-6-1926.

8. Idem.

9. "O otimismo na vida de Machado de Assis", in *A quarta humanidade*, pág. 161.

10. Idem, nota 7.

Análise de *O ESPERADO*

1. *Estudos*, 5.^a série, pág. 200.

2. Idem.

3. "Não querendo dar-se ao trabalho de ajudar, servir, socorrer ao seu próximo, prefere fingir uma imensa generosidade, dizendo que a solução de um caso isolado não resolve o caso total da humanidade". "A sua mentalidade é meramente estatística. Não socorre o tuberculoso, o aleijado, o leproso, o órfão, a viúva, o desamparado, que se lhe apresentam, porque, diz: "o que me importa é saber quantos os que se encontram nestas circunstâncias, quais as causas que as determinam, quais os recursos gerais de que dispomos, quais os meios técnicos da sua aplicação, para nos livrarmos deste incômodo de encontrar criaturas em tal miséria". Opera, assim, a transferência de um dever imediato para a zona das providências mediatas, muitas vezes aleatórias ou difíceis de serem tomadas. Raciocina em razão dos algarismos, não do fato humano, concreto, que tem diante de si. O egoísta individualista bem sabe que aqueles que não esperam pelas estatísticas para mitigar uma dor, não são mentalidades retrógradas, pois também, como ele, se empenham no afã de resolver o problema geral segundo os dados numéricos. Mas, fingindo desconhecer a capacidade intelectual do homem caridoso, arroga-se o monopólio da ciência e da técnica e sorri superiormente de quantos estendem a mão para depositar no regaço de um pobre aquela moeda que se engrandece pela emoção magnânima que representa". (Plínio Salgado: *Espírito da burguesia*, pág. 116).

4. Etnicamente, Edmundo é a concretização da tese de *O Estrangeiro* — ele é brasileiro e encontra, na sua árvore genealógica, o índio, o negro, o alemão, o judeu, o italiano etc. (pág. 45).

5. Edmundo é o intérprete da opinião do autor sobre a arte moderna, que deve tomar "conhecimento da velocidade e da tremenda luta social"; que deve possuir "velocidade", "simultaneidade", "complexidade", "dinamismo" e "síntese" (V. prefácio).

6. "O homem perdeu a noção da sua própria natureza e do fim para que foi criado. Foi iludido com parciais explanações sobre a sua pessoa e prometeram-lhe a salvação de se contentar em viver e comportar-se apenas como um animal político, um produto da natureza, a personificação da razão, uma unidade econômica, uma espécie biológica, ou mesmo um tipo ideológico. Todos ignoram a essencial e fun-

damental verdade: que ele é uma criatura espiritual, um filho de Deus". ("Times", 23-12-1914).

7. Plínio Salgado focaliza a situação de S. Paulo, mas na verdade põe um problema de caráter universal.

Análise de *O CAVALEIRO DE ITARARÉ*

1. Plínio Salgado: *Psicologia da Revolução*, pág. 42.

2. Tristão de Athayde: *Estudos*, 5.^a série, pág. 200.

3. Se o povo "aceita os princípios da Revolução de (30), como uma mística, o fenômeno é facilmente explicável. Cansado de ouvir os tropos de efeito e as pejorações pirotécnicas de todos os candidatos a governo e governos anteriores, a revolução, para nós, seria, tão-só, essa que é a verdade, mais uma experiência". (Rosário Fusco: *Política e Letras*, pág. 69).

4. Idem, pág. 68.

"Filosoficamente falando, sem cuidar da realidade social e política da atualidade — só duas soluções poderão impedir o desmembramento do país e a sua desapareição como um todo uno criado pelas circunstâncias históricas, duas soluções catastróficas: a Guerra, a Revolução. É o que me faz encerrar estas páginas com um pensamento de reconforto; a confiança no futuro, que não pode ser pior do que o passado." (Paulo Prado: *Retrato do Brasil*, pág. 211).

Conclusão

1. Prefácio à 3.^a edição de *O Estrangeiro*.

2. "Muitos não compreenderam o plano de batalha" indicado na Semana de Arte Moderna. "Prosseguiram, no campo literário, a marcha para a dissolução completa, subordinando-se aos fenômenos exclusivamente europeus da ruína da sensibilidade e decomposição senil de após-guerra." "Aqueles que continuaram, dentro da nossa revolução literária, com o espírito europeu de viajantes curiosos ou experimentalistas, perderam-se numa brasilidade artificial, que se desenvolveu

guardando a linha das escolas decadentes em que se bolchevizou e destruiu a arte do Velho Mundo." (Plínio Salgado: *Despertemos a Nação*, prefácio).

3. "O momento do romance brasileiro", pág. 264, in Plínio Salgado.

4. "*O movimento modernista*", pág. 80.

5. "E não deixa de ser interessante salientar que foi da ala mais exacerbadamente nacionalista do movimento (modernista) que nasceu a única filosofia política diretamente ligada ao modernismo: o integralismo de Plínio Salgado, fixando uma posição contra o humano". (Lêdo Ivo: *Lição de Mário de Andrade*, pág. 18).

6. *Prosas Brasileiras*, Seleção, prefácio e notas de J. O. de Oliveira, pág. 225.

7. "O momento do romance brasileiro", pág. 264, in Plínio Salgado.

8. In Dulce Sales Cunha: *Autores contemporâneos brasileiros*, pág. 68.

9. Dulce Sales Cunha: idem, pág. 22.

10. *Soluções Nacionais*, pág. 268.

11. *Pequena história da literatura brasileira*, capítulo XI.

12. Arnaldo Nicolau de Flue Gut — Plínio Salgado, o criador do Integralismo Brasileiro, na literatura brasileira, pág. 11.

13. Essa preocupação vem desde o século XIX, por parte de alguns pensadores mais esclarecidos. Raimundo Correia já diz, por exemplo: — "É preciso erguer-se mais o sentimento de nacionalidade artística e literária, desdenhando-se menos o que é pátrio, nativo e pátrio, nativo e nosso: e os poetas e escritores devem cooperar nessa grande obra de reconstrução." (Carta a um amigo, in Rosário Fusco: *Política e Letras*, pág. 54.)

Machado de Assis, lembra Plínio Salgado, "já em 1873 tem uma compreensão exata das possibilidades de afirmação de uma Pátria". — "Quem examina a atual literatura brasileira" — escreve o mestre — "reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instinto de nacionalidade. Poesia, romance, todas as formas literárias do pensamento, buscam vestir-se com as cores do país e não há negar que semelhante preocupação é sintoma de vitalidade e abono de futuro." "Interrogando a vida brasileira", continua, "e a natureza americana, prosadores e poetas acharão ali farto manancial de inspiração e irão dando fisionomia ao pensamento nacional. Esta outra independência não tem 7 de Se-

tembro, nem campo do Ipiranga; não se fará num dia, mas pausadamente, para sair mais duradoura; não será obra de uma geração, nem de duas; muitas trabalharão para ela, até perfazê-la de todo." (In *Quarta humanidade*, pag. 163).

14. *Despertemos a Nação*, prefácio.

15. "O movimento da Anta é mais de ação do que de pensamento. É uma guerra contra tudo o que, inculcando-se brasileiro, seja essencialmente estrangeiro." "Se possível for, nós nos aliciaremos, mediante um pacto solene a fim de, unidos todos os novos do Brasil, assumirmos uma atitude, definida, lançando mãos de todos os meios para a campanha de nacionalização de nossa vida mental, dos nossos costumes." "E só no dia em que se tiver formado uma "consciência nacional", forte e definitivamente caracterizada, poderemos pensar pelas nossas cabeças, oferecendo ao Mundo um Pensamento, uma Arte e uma Política genuinamente americanos." Plínio Salgado, *O curupira e o carão*, capítulo "A revolução da Anta", pag. 96.

"Como previam, com raro espírito de adivinhação, os animadores do movimento inicial, a Semana de Arte Moderna superfetava numa revolução espiritual de ordem política. Aliás, tudo quanto é revolução política nasce de programas literários." Cassiano Ricardo, "Verde Amarilismo", in *Rasm* (Revista anual do salão de maio), S. Paulo n.º 1, maio de 1939.

"A revolução literária e artística de 1922-1923 teve o mérito de acender um chamejante espírito de rebeldia, com o qual iniciávamos a derrubada dos velhos cultores da forma, quebrando o ritmo do processo de estilo, e nos encorajávamos no sentido de quebrar também o ritmo político do país." Plínio Salgado: *Despertemos a Nação*, prefácio.

16. A Anta e o Curupira, in *Despertemos a Nação*, pag. 32.

17. "O que sobretudo nos importa é afirmar a nossa diferença (porque em toda obra de Deus a diferença é que afirma a realidade)"... Tasso da Silveira: *Definição do modernismo brasileiro*, pag. 126.

18. "As gerações detentoras de uma cultura importada, que nunca representou a realidade nacional, não compreenderão jamais esse aflitivo instante de procura de nós mesmos, este despertar de energias no meio de dúvidas." Plínio Salgado: "Pelo destino do Brasil", in *Quarta humanidade*, 142.

19. Tasso da Silveira: *Definição do modernismo brasileiro*, pag. 123.

20. Carlos Chiacchio diz: "Eu acreditaria mais uma "imitação brasileira" ao invés de "criação". Imitação concebida no sentido superior de "recriar", "re-pensar", modernizando, à luz das aquisições novas, os nossos temas, as nossas coisas, os nossos ideais, para os conservar pelo eterno ritmo das tradições melhores, talqualmente (Graça Aranha) o praticara em *Canaã*, obra que iniciou entre nós a tendência a que poderemos chamar de tradicionismo dinâmico." (*Modernistas e ultramodernistas*, pag. 77).

21. Tasso da Silveira: *Definição do modernismo*... pag. 23.

22. "Ser moderno não é ser futurista nem esquecer o passado. Ninguém pode esquecer o passado. Repeti-lo, entretanto, seria fracionar artificialmente a realidade, que é contínua e indivisível." Ronald de Carvalho: *Pequena história da literatura brasileira*, pag. 369.

23. "Tirante os indígenas, todos são estrangeiros no Brasil, com a diferença que uns vieram antes, outros depois". "Este lapidar axioma, do Dr. Washington Luís, coloca em seus justos termos um dos problemas essenciais da nacionalidade." Menotti del Picchia: *Soluções Nacionais*, 178.

24. No século XX descobriu-se uma grande verdade, isto é, que o continente americano é diferente do europeu, que formamos outro povo com características próprias e distintas. Diz Ronald de Carvalho: "Uma arte direta, pura, enraizada profundamente na estrutura nacional, uma arte que fixe todo o nosso tumulto de povo em gestação, eis o que deve procurar o homem moderno do Brasil. Isso é mister que ele estude não somente os problemas brasileiros mas o grande problema americano. O erro primordial das nossas elites, até agora, foi aplicar ao Brasil, artificialmente, a lição européia. Estamos no momento da lição americana. Chegamos, afinal, ao nosso momento." (*Pequena história da literatura*... pag. 372.)

25. "A Anta e o Curupira", in *Revista do Brasil*.

26. "Esta gente nova, cética, "blagueuse", de requinte esperto e calculada ingenuidade primitivista, não pôde evitar a facúndia efusiva do nacionalismo repondo na carta de Pero Vaz de Caminha. Isso, ligado aos problemas da América juvenil, que já *Canaã* encara, proporcionou a Plínio Salgado oportunidade ótima para ir buscar no caso do colono e do imigrante as fontes do caso nacional. A simbólica de *O Estrangeiro* é linear e simplíssima. Nem outra cousa visava o

jovem paulista, e sentir vibrantemente um problema nacional foi a causa da criação de uma obra de arte." (Andrade Muricy: *A nova literatura brasileira*, pág. 382).

27. Ninguém se lembra de que, "se o povo não tem cultura, o voto secreto terá o efeito das enxurradas; por falta justamente daquela cultura, teríamos o cisco, demasiadamente democrático, à superfície das eleições. Logo, seria um mal; ou seria inútil. Adquirida cultura bastante para que o voto secreto pudesse ser exercido com eficácia, ele não seria honroso; ou não teria a mínima utilidade. Quem tem cultura democrática suficiente para cumprir seus deveres cívicos não necessita de acocorar-se para votar. Não necessita de máscara para exercer um direito que envolve diretamente a dignidade do ser pensante e do ser racional". (Cassiano Ricardo, "Correio Paulistano", junho de 1926).

28. Plínio Salgado: *Doutrina do Sigma*, pág. 15.

29. Rosalina Coelho Lisboa: *...a seara de Caim*, pág. 527.

30. Plínio Salgado: *Doutrina do Sigma*, pág. 33.

31. Idem, pág. 68.

32. "O movimento literário de 1922 — gerador do grupo "verde e amarelo" — tomou uma direção que não era de todo imprevista para alguns de seus criadores: uma direção política." (Menotti del Picchia: *Soluções Nacionais*, prefácio.)

33. "Plínio Salgado e o romance nacional", in *Plínio Salgado*, pág. 241.

Em torno de O ROMANCE BRASILEIRO, de Olívio Montenegro

1. *O romance brasileiro*, Olívio Montenegro, pref. de Gilberto Freyre, 2.^a ed., Liv. José Olympio, Rio de Janeiro, 1953.

2. *Correntes cruzadas*, Afrânio Coutinho, ed. A Noite, Rio de Janeiro, 1953.

3. "Houve um romance modernista?" art. de Brito Broca, in "Letras e Artes", n.º 253.

BIBLIOGRAFIA DE PLÍNIO SALGADO

1. *Tabor*, S. Paulo, 1919.

2. *O Estrangeiro*, 1.^a ed., S. Paulo, ed. Helios Ltda., 1926; 6.^a ed., Editora das Américas, S. Paulo, 1955, *Obras Completas*. Edição utilizada no presente trabalho: 5.^a, editora Panorama, S. Paulo, 1948.

3. *Discurso às estrelas*, ed. Helios Ltda., S. Paulo, 1926.

4. *Literatura e Política*, ed. Helios Ltda., S. Paulo, 1927.

5. *O Esperado*, 1.^a ed., 1930, S. Paulo; 5.^a ed., Editora das Américas, 1955, *Obras Completas*. Edição utilizada no presente trabalho: 4.^a, editora Panorama, S. Paulo, 1949.

6. *Oriente*, Paulista Editora, 1.^a ed., 1931; 2.^a ed., Editora Ocidente, 1948, Distrito Federal.

7. *O Cavaleiro de Itararé*, 1.^a ed., 1932; 4.^a ed., Editora das Américas, 1955, *Obras Completas*. Edição utilizada no presente trabalho: 3.^a, ed. Panorama, S. Paulo, 1948.

8. *O que é o Integralismo*, 1.^a ed., 1932. S. Paulo; 5.^a ed., 1955, *Obras Completas*.

9. *A voz do oeste*, 1.^a ed., 1933, Liv. Ed. José Olympio, Rio de Janeiro, 4.^a ed., 1955, *Obras Completas*; 5.^a ed., ed. Voz do Oeste, S.P., 1978.

10. *Psicologia da Revolução*, 1.^a ed., Liv. Ed. José Olympio, Rio de Janeiro, 1933; 5.^a ed., 1955, *Obras Completas*.

11. *A quarta humanidade*, 1.^a ed., Liv. Ed. José Olympio, 1934, Rio de Janeiro; 4.^a ed., 1955, *Obras Completas*.

12. *O sofrimento universal*, 1.^a ed., Liv. Ed. José Olympio, 1934, Rio de Janeiro; 4.^a ed., 1955, *Obras Completas*.

13. *Despertemos a Nação*, 1.^a ed., Liv. José Olympio, 1935, Rio de Janeiro; 3.^a ed., 1955, *Obras Completas*.
14. *Palavra nova dos tempos novos*, 1.^a ed., Liv. José Olympio, Rio de Janeiro, 1936; 4.^a ed. 1955, *Obras Completas*.
15. *Geografia Sentimental*, 1.^a ed., Liv. Ed. José Olympio, 1936, Rio de Janeiro; 3.^a ed., 1955, *Obras Completas*.
16. *Nosso Brasil*, 1.^a ed., Editora Coelho Branco, 1936; 3.^a ed., 1955, *Obras Completas*.
17. *A doutrina do Sigma*, 1.^a ed., Editora Verde-Amarelo, 1935, S. Paulo; 2.^a ed., 1955, *Obras Completas*.
18. *Páginas de Combate*, Liv. H. Antunes, 1937, Rio de Janeiro.
19. *Cartas aos Camisas Verdes*, Liv. José Olympio Ed., 1935, Rio de Janeiro.
20. *O Poema da Fortaleza de Santa Cruz*, edições particulares em S. Paulo, Rio de Janeiro e Bahia; edição monumental, editorial Guanumbi, S. Paulo, 1951; 5.^a ed., 1955, *Obras Completas*.
21. *Vida de Jesus*, 1.^a ed., Panorama, S. Paulo, 1942; 5.^a ed. brasileira, 1955, *Obras Completas*; 11.^a ed., portuguesa, ed. Ática, 1955, Lisboa; edições em espanhol, Madrid e Buenos Aires; 1.^a ed. italiana.
22. *A aliança do sim e do não*, 1.^a ed., Edições Ultramar, 1944, Lisboa; 4.^a ed., 1955, *Obras Completas*.
23. *O Conceito cristão da democracia*, 1.^a ed., Edições Estudos, 1945, Coimbra; 3.^a ed., 1955, *Obras Completas*.
24. *O Integralismo perante a Nação*, 1.^a ed., (sob o título *O Integralismo Brasileiro perante a Nação*), 1946, Lisboa; 4.^a ed., 1955, *Obras Completas*.
25. *Primeiro, Cristo!*, 1.^a ed., Livraria Figueirinhas, 1946, Porto; 2.^a ed., 1955, *Obras Completas*; 3.^a ed., ed. Voz do Oeste, S.P., 1978.
26. *Madrugada do Espírito*, 1.^a ed., edição Pro-Domo, 1945, Lisboa; 3.^a ed., 1955, *Obras Completas*.
27. *A mulher do século XX*, 1.^a ed., edição Pro-Domo, 1945, Lisboa; 4.^a ed., 1955, *Obras Completas*, vol. VIII.
28. *Como nasceram as cidades do Brasil*, 1.^a ed., edição Ática, 1946, Lisboa; 2.^a ed., 1955, *Obras Completas*.
29. *A imagem daquela noite*, 1.^a ed., edições Gama, Lisboa, 1947; 2.^a ed., 1955, *Obras Completas*, vol. VIII.
30. *O Rei dos reis*, 1.^a ed., edição Pro-Domo, Lisboa, 1945; 3.^a ed., 1955, *Obras Completas*, vol. VI.

31. *Discursos*, 1.^a série, editora Panorama, S. Paulo, s/d.; 2.^a ed., 1955, *Obras Completas*, vol. X.
32. *Extremismo e Democracia*, editorial Guanumbi, S. Paulo, s/d.
33. *Direitos e Deveres do Homem*, 1.^a ed., Liv. Clássica Brasileira, 1950; 3.^a ed., 1955, *Obras Completas*, vol. V.
34. *Espírito da Burguesia*, 1.^a ed., Liv. Clássica, 1951, Rio de Janeiro; 3.^a ed., 1955, *Obras Completas*.
35. *Mensagem às pedras do deserto*, 1.^a ed., Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro, s/d.; 2.^a ed., id., id.
37. *S. Judas Tadeu*, 1.^a ed., Liv. Clássica Brasileira, 1954, Rio de Janeiro; 2.^a ed., 1955, *Obras Completas*, vol. VIII.
38. *A Tua Cruz, Senhor...*, 1.^a ed., Liv. Clássica Brasileira, 1954, Rio de Janeiro; 2.^a ed., id. 1955.
39. *Páginas de ontem*, *Obras Completas*, vol. X, 1955.
40. *Viagens pelo Brasil*, in *Obras Completas*, vol. IV, 1955.

OBRAS INÉDITAS

1. "Poemas do exílio" — poesia.
2. "O cavaleiro de Miranda" — história.
3. "A inquietação espiritual na literatura brasileira", literatura.
4. "Como se prepara uma China" — comentários.
5. "Écos de Portugal" — crítica literária.
6. "Se amanhã me procurares" — crônicas.
7. *Noites de Joãozinho* — literatura infantil.
8. *Reconstrução do Homem*.

BIBLIOGRAFIA SOBRE PLÍNIO SALGADO

1. ANDRADE, RODRIGO M. F.: "Plínio Salgado", in Rev. do Brasil, 2.^a fase, 1/9, 15 de janeiro de 1927, p. 42-43.
2. ANDRADE MURICY: "O momento do romance brasileiro", in Rev. Panorama n.º 1, S. Paulo, 1936.
3. BRITO BROCA: "Houve um romance modernista?", in jornal "Letras e Artes", 15-6-1952.
4. CALLAGE, FERNANDO: "A influência do romance de Plínio Salgado na nova mentalidade brasileira", in Rev. Panorama, n.º 4, S. Paulo.
5. FLUE GUT, DR. D. ARNOLDO NICOLAU DE: "Plínio Salgado, o criador do integralismo brasileiro, na literatura brasileira", 1940.
6. JACKSON DE FIGUEIREDO: "O Saci, o Avanhanda e o imperialismo pacífico...", in "Plínio Salgado", pág. 248, Ed. Rev. Panorama, S. Paulo, 1936.
7. JEHOVAH MOTTA: "Plínio Salgado", idem, pág. 111.
8. MARÇAL, HEITOR: "Plínio Salgado e o romance nacional", idem, pág. 241.
9. MONTEIRO LOBATO: "Forças novas", idem, pág. 253.

10. MOTTA FILHO: "A razão de minha dúvida..." (conversando com Plínio Salgado), in "Correio Paulistano", 1-6-1926.

11. NESTOR VICTOR: "Os de hoje", S. Paulo, Cultura Moderna, 1938, p. 116-123. (Escrito em 1926).

12. PRUDENTE DE MORAIS NETO: "Plínio Salgado — "O Estrangeiro", in Rev. do Brasil, 2.^a fase, 1/4, 30 de outubro de 1926, p. 41-42.

13. RODRIGUES DE ABREU: "O Estrangeiro", in "Plínio Salgado", pág. 246, Ed. Rev. Panorama, S. Paulo, 1936.

14. SANTA ROSA, VIRGÍNIO: "A personalidade de Plínio Salgado", idem, pág. 69.

15. SILVEIRA PEIXOTO: "Falam os escritores".

16. TASSO DA SILVEIRA: "Plínio Salgado e o romance novo", in Rev. Panorama, n.º 11, pág. 56, S. Paulo, 1936. Transcrito d'A Nação.

17. TRISTÃO DE ATHAYDE: "Estudos", 5.^a série, Rio, 1953. (Esperado) pág. 197-205.

18. Idem: In "O Jornal", (secção: Vida Literária) Rio, 16-5-1926.

BIBLIOGRAFIA DE AUTORES CONSULTADOS

1. ANDRADE, MARIO DE: *O movimento modernista*, ed. Casa do Estudante do Brasil, 1942.

2. ANDRADE, MURICY: *A nova literatura brasileira*, ed. Livraria do Globo, Porto Alegre, 1936; *O momento do romance brasileiro*, in Panorama, n.º 1, São Paulo, 1936.

3. ANDRADE, RODRIGO DE M. F.: *Plínio Salgado*, in Revista do Brasil, 2.^a fase, janeiro de 1927.

4. ATHAYDE, TRISTÃO DE: *O crítico literário*, ed. AGIR, Rio, 1945; *Estudos*, 5.^a série Rio, 1953, Vida Literária, in "O Jornal", Rio, 16-5-1926.

5. BROCA, BRITO: *Houve um romance modernista?*, in Letras e Artes, 15-6-1952.

6. CALLAGE, FERNANDO: *A influência do romance de Plínio Salgado na nova mentalidade brasileira*, in Panorama, n.º 4, São Paulo.

7. CALMON, PEDRO: *História social do Brasil*, 2.^a ed., Companhia Editora Nacional, São Paulo.

8. CARVALHO, RONALD DE: *Pequena história da literatura brasileira*, 6.^a ed., F. Briguier S. C. Editores, Rio, 1937.

9. CAVALHEIRO, EDGAR: *Testamento de uma geração*, ed. Livraria do Globo, Porto Alegre, 1944.

10. CAMPOS, FRANCISCO: *O espírito do estado novo*, ed. do Serviço de Divulgação da Polícia do Distrito Federal, 1938.
11. CHIACCHIO, CARLOS: *Modernistas e ultramodernistas*, ed. Progresso, Salvador, 1951.
12. CUNHA, DULCE SALES: *Autores contemporâneos brasileiros*, São Paulo, 1951.
13. FLUE GUT, DR. ARNOLDO NICOLAU DE: *Plínio Salgado, o criador do integralismo brasileiro na literatura brasileira*, 1940.
14. FREYRE, GILBERTO: *Interpretação do Brasil*, José Olympio ed., Rio, 1947; *Uma cultura ameaçada: a luso-brasileira*, ed. Casa do Estudante do Brasil, 2.^a ed., Rio, 1942.
15. FUSCO, ROSÁRIO: *Política e Letras*, José Olympio ed., Rio, 1940.
16. IVO, LEDO: *Lição de Mário de Andrade*, Coleção "Os Cadernos de Cultura", (n.º 24), Ministério de Educação.
17. LISBOA, ROSALINA COELHO: ... *A seara de Caim*, 3.^a ed., José Olympio ed., Rio, 1952.
18. MOTTA FILHO: *A razão de minha dúvida...* (conversando com Plínio Salgado), in *Correio Paulistano*, 1-6-1926.
19. MORAIS NETTO, PRUDENTE: *Plínio Salgado — O Estrangeiro*, in *Revista do Brasil*, 2.^a fase. Outubro de 1926.
20. OLIVEIRA, JOSÉ OSÓRIO DE: *História breve da literatura brasileira*, ed. Martins, São Paulo, s/d; *Prosas brasileiras*, (seleção, prefácio e notas), Livraria Bertrand, Lisboa.
21. PEIXOTO, SILVEIRA: *Falam os escritores*.
22. PICCHIA, MENOTTI DEL: *Soluções Nacionais*, José Olympio ed., Rio, 1935; *O Curupira e o Carão* (juntamente com Plínio Salgado e Cassiano Ricardo), editorial Helios, São Paulo, 1927.
23. RAMOS, GUERREIRO: *O Processo da Sociologia no Brasil*, Rio, 1953.
24. RICARDO, CASSIANO: *Variações democráticas*, in "Correio Paulistano", junho de 1926.
25. SILVEIRA, TASSO: *Definição do modernismo brasileiro*, edições Forja, Rio, 1931; *Estado Corporativo*, José Olympio ed., Rio, 1938; *Plínio Salgado e o romance novo*, in *Panorama* n.º 11, São Paulo, 1936 (transcrito de "A Nação").

26. VICTOR, NESTOR: *Os de hoje*, ed. Cultura Moderna, São Paulo, 1938 (artigo sobre Plínio Salgado escrito em 1926).

NOTA — Foi amplamente consultada a coletânea publicada em 1936, pela editora Panorama, de São Paulo, sob o título de PLÍNIO SALGADO, volume onde foram reunidos quase todos os artigos de autores brasileiros a respeito do autor de *O Esperado*, até aquele momento, vendo-se, entre outros, os trabalhos de Jackson de Figueiredo (*O Saci, o Avandava e o imperialismo pacífico...*), Monteiro Lobato (*Força. Novas*), Rodrigues de Abreu (*O Estrangeiro*), Virgínio Santa Rosa (*4 personalidades de Plínio Salgado*), Augusto Frederico Schmidt, Tasso da Silveira (*O romancista do Limbo*), e muitos outros.

OBSERVAÇÃO FINAL: Chamará a atenção, certamente, dos estudiosos, a ausência, nas páginas do presente trabalho, de opiniões de outros autores portugueses (além de José Osório de Oliveira), e dos autores espanhóis e italianos, a respeito da obra de Plínio Salgado. Torna-se preciso não esquecer, portanto, que ao elaborar a tese ora publicada, só tinha em vista a autora a obra romancística de Plínio Salgado, buscando, por conseguinte, conhecer apenas a bibliografia que dizia respeito a esta face da imensa obra do autor de *O Estrangeiro*.

Biblioteca "LITERATURA MODERNA"

Volumes publicados:

- | | |
|---------------------------------------|-----------------------|
| 1. <i>Ninguém Escapará</i> | Hans H. Kirst |
| 2. <i>O Amor Tudo Vence</i> | James G. Gozzens |
| 3. <i>Anatomia do Crime</i> | Robert Traver |
| 4. <i>O Demônio do Escorial</i> | Herman Kesten |
| 5. <i>Ao Deus Desconhecido</i> | John Steinbeck |
| 6. <i>As Amorasas</i> | Kathleen Winsor |
| 7. <i>Alvorada Vermelha</i> | Hans H. Kirst |
| 8. <i>A Vida Não Se Importa</i> | Natália Ginsburg |
| 9. <i>O Arco-Íris e a Rosa</i> | Nevil Shute |
| 10. <i>Rebeldia de Um Bravo</i> | Gerard Green |
| 11. <i>Conflito</i> | Charles Mergendahl |
| 12. <i>O Livro de Mamãe</i> | Albert Cohen |
| 13. <i>Nome: Clotilde</i> | C. Saint-Laurent |
| 14. <i>Entre Duas Paixões</i> | Charles Mergendahl |
| 15. <i>Chão Trágico</i> | Erskine Caldwell |
| 16. <i>A Cidade do Ódio</i> | Erskine Caldwell |
| 17. <i>Narciso Negro</i> | Rumer Godden |
| 18. <i>Passageiros Para Hong-Kong</i> | Simon Kent |
| 19. <i>O Destino Viaja de Onibus</i> | John Steinbeck |
| 20. <i>O Novo Caminho</i> | Frank G. Slaughter |
| 21. <i>Os Lincoln Lords</i> | Cameron Hawley |
| 22. <i>O Coração de Pedra Verde</i> | Salvador de Madariaga |
| 23. <i>Ambições Perdidas</i> | Alberto Morávia |
| 24. <i>Volta à Caldeira do Diabo</i> | Grace Metalius |
| 25. <i>O Homem que Se Encontrou</i> | Nevil Shute |
| 26. <i>Os Trapaceiros</i> | Françoise D'Eaubonne |
| 27. <i>As Botas do Diabo</i> | Kurt Falkenburger |
| 28. <i>A Tentação do Dr. Carter</i> | Frank G. Slaughter |
| 29. <i>O Rouxinol Sempre Retorna</i> | Romain Gary |
| 30. <i>Os Primos</i> | Johanne Jean-Charles |
| 31. <i>Amores de Um Milionário</i> | Cameron Hawley |
| 32. <i>Os Donos da Terra</i> | Erskine Caldwell |
| 33. <i>Frenesi de Verão</i> | Erskine Caldwell |
| 34. <i>Obsessão</i> | Tom Gurr — H. H. Cox |
| 35. <i>Orfeu Negro</i> | Violante do Canto |

78. N. 4707. 12

40.00

869.4

- | | |
|---|-------------------------|
| 36. <i>Três Destinos</i> | Erskine Caldwell |
| 37. <i>Eva</i> | Meyer Levin |
| 38. <i>O Revolucionário — A Vida Real do Apóstolo São Paulo</i> | Ernle Bradford |
| 39. <i>São Lucas: Glorioso Médico e Apóstolo</i> | Taylor Caldwell |
| 40. <i>Kamikaze, Piloto Suicida</i> | Saburo Sakai |
| 41. | |
| 42. <i>Como Fingar Um Marido</i> | H. E. Bates |
| 43. <i>Vidas Falsas</i> | Grace Metalius |
| 44. <i>Zumbi dos Palmares</i> | L. Maria de Albuquerque |
| 45. <i>O Romance Modernista de Plínio Salgado</i> | Augusta Garcia Dorea |
| 46. <i>Prisioneiros no Paraíso</i> | Garet Rogers |
| 47. <i>Cartas de Amor</i> | John Fostini |
| 48. <i>Amor Conjugal</i> | Alberto Moravia |
| 49. | |
| 50. | |
| 51. | |
| 52. <i>Trópico de Câncer</i> | Henry Miller |
| 53. <i>Trópico de Capricórnio</i> | Henry Miller |
| 54. <i>Primavera Negra</i> | Henry Miller |
| 55. <i>O Chapéu Mexicano</i> | Aldous Huxley |
| 56. <i>Fogo-Fátuo</i> | Aldous Huxley |
| 57. <i>Duas ou Três Graças</i> | Aldous Huxley |
| 58. <i>A Cidade Perdida</i> | Jerônimo Monteiro |
| 59. <i>Salim, O Mágico</i> | Malba Tahan |

Composição de

ARTESTILO - Compositora Gráfica Ltda.

Rua Martim Burchard, 112

Impresso em 1978, pelo método offset, com acetatos
fornecidos pelo Editor, na oficina da
EMPRESA GRÁFICA DA REVISTA DOS TRIBUNAIS S/A
Rua Conde de Sarzedas, 38 — Tel. 36-6958 (PBX)
01512 São Paulo, SP, Brasil.

estuda a obra literária de Plínio Salgado, valendo-se de seus livros "O Estrangeiro", "O Esperado" e "O Cavaleiro de Itararé". Examina essa obra sob todos os pontos de vista técnicos e estéticos. E o faz com tal habilidade que dá ao leitor, quer estudioso quer simples curioso, uma visão segura e completa dos processos e evolução do pensamento do escritor. Do real valor da obra de Augusta Garcia Dorea diz o eminente mestre Antônio Soares Amora, professor de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo: **"Apesar de partir de um plano bastante amplo — articulação do romance ou da trilogia romancística do autor, ao seu pensamento político e filosófico — cumpriu integralmente a orientação que se impôs, e muito mais, cumpriu com inteligência, com espírito crítico e com muita erudição"**. Antes da tese que se transformou no livro ora reeditado a autora publicara trabalho sobre o aspecto pessimista da obra de Raimundo Correia, que mereceu do mesmo professor acima citado os maiores encômios.

*O que se disse sobre esta
interpretação da obra de Plínio Salgado*

“Relacionando a técnica novelística do escritor ao pensamento filosófico do líder político, a autora realiza erudito trabalho de análise e de crítica.”

MARIA DE LOURDES TEIXEIRA

“Apesar de partir de um plano bastante amplo — articulação do romance ou da trilogia romancística do autor, ao seu pensamento político e filosófico — cumpriu integralmente a orientação que se impôs, e muito mais, cumpriu com inteligência, com espírito crítico e com muita erudição.”

ANTÔNIO SOARES AMORA

“... o trabalho denuncia na autora uma legítima vocação de ensaísta. Augusta Garcia R. Dorea não aprecia apenas os aspectos político-sociais das obras, aborda igualmente os aspectos estéticos, mostrando-nos a trilogia de Plínio Salgado como um todo em que as partes se articulam perfeitamente.”

BRITO BROCA

“... sua obra principal de ficcionista, tão bem estudada por Augusta Garcia Dorea.”

FERNANDO WHITAKER DA CUNHA

Cr\$ 40,00. Este preço só se tornou possível devido à participação do Instituto Nacional do Livro/MEC, que, em regime de co-edição, permitiu o aumento da tiragem e conseqüente redução do custo industrial.